

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

Rogério F. Guerra¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Introdução

O saudoso prof. Cabral viveu intensamente o século 20. Ele nasceu em Laguna (11 de Outubro de 1903) e faleceu aos 74 anos em Florianópolis (17 de Fevereiro de 1978); fora casado com D. Olívia Ramalho Cabral, com quem vivera durante 48 anos. A instrução primária teve início em Porto Alegre (RS), em 1910, e é finalizada em Santa Catarina. Aos dez anos de idade, ele é matriculado no Ginásio Catarinense (1914). A escola era administrada pelos padres jesuítas, os quais eram conhecidos pela severidade e zelo pela disciplina. O menino de quem estamos falando era conhecido por sua vivacidade e certa dose de indisciplina, atributos incompatíveis com a domesticação do espírito que tanto buscavam os loyolistas.

Cabral era uma referência nacional, não admitia perseguições políticas e apoiava os projetos de seus alunos. A generosidade é um traço de personalidade bastante lembrada por seus pupilos, mas ela não era uma coisa formal, contida ou protocolar. Cabral intercedia em favor de seus alunos, permitia o uso de sua vasta biblioteca, reunia grupos de alunos e professores para discussão de temas relevantes e abria seus arquivos aos pesquisadores de outros estados. A relevância desse modo de agir tende a cair no esquecimento, mas o sentimento de gratidão pode ser visto nos comentários do prof. Silvio Coelho:

Como explicar essa generosidade de Cabral? Parece que isso se deve ao fato de que ele não tivera filhos e tratava seus auxiliares como se fossem seus filhos. As reuniões ocorriam em sua residência, pois a biblioteca da Faculdade de Filosofia era muito pobre, e Cabral tinha um bom acervo bibliográfico em sua casa.

¹ Professor-Titular do Departamento de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC. Editor da Revista de Ciências Humanas. Endereço para correspondências: Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Psicologia, Campus Universitário, Florianópolis, SC, 88040-900 (rfguerra@cfh.ufsc.br).

D. Olívia, sua esposa, providenciava o lanche para todos e logo emendava uma pergunta: “Vocês vão ficar para o jantar?” O prof. Cabral praticamente não tinha vida social, viajava pouco e só saía de casa para assistir às missas nos domingos. Não obstante isso, ele era uma referência nacional e tinha muito contato com pesquisadores notáveis. Cabral escrevia muitas cartas, mas não freqüentava os congressos... (DOS SANTOS, 2006; p. 18-19)

Homem metódico, ele iniciava a sua rotina diária por volta das 6h da manhã, mesmo já aposentado e com os anos lhe pesando nas costas. Uma coleção de lápis bem apontados o esperava sobre a mesa; ele pegava uma folha em branco e, através de uma letra miúda e elegante, transformava as idéias num texto quase definitivo. Curiosamente, ele só interrompia a rotina após ter gastado a ponta do 11º lápis. O prof. Cabral tinha um relacionamento bastante cordial com seus alunos, apesar da diferença de idade e de seu espírito centralizador (ranzinza, diriam alguns). Ele convidava alguns para lancharem em sua casa, ocasião em que ele relatava os conhecimentos obtidos em suas viagens ao exterior. Esse carinho especial foi relatado por ex-alunos, como Jali Meirinho, Moacir Thomazi e Carlos Humberto Correa (“A Notícia”, 5 de Outubro de 2003). D. Olívia participava desses eventos, acompanhava Cabral em suas visitas aos sítios arqueológicos e, como iremos ver mais adiante, ela atuava como uma auxiliar de pesquisa.

Cabral é descrito com adjetivos variados: ranzinza, temperamental, genioso, briguento e centralizador. Entretanto, quem melhor o descreve é a sua sobrinha: “Cabral era uma pessoa muito engraçada, com grande senso de humor, mas tinha pavio curto. Era também a pessoa mais inteligente que conheci. Queria que estivesse vivo” (“A Notícia”, 5 de Outubro de 2003). Todos são unânimes em reconhecer a sua capacidade intelectual e o uso de suas energias em favor da nossa universidade. Muitos de seus auxiliares se tornaram renomados pesquisadores, em diferentes campos do conhecimento, e não se cansam de externar a admiração e o forte sentimento de gratidão ao mestre máximo.

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

Depoimentos insuspeitos confirmam o temperamento volátil do prof. Cabral, mas os familiares, amigos e ex-alunos também descrevem que ele tinha bom humor, suas aulas eram recheadas de comentários jocosos, os quais deliciavam a audiência. Outra característica marcante de sua personalidade era a generosidade e afeição devotada aos mais humildes. Qual a razão dessa aparente contradição? Não existe contradição. Ele era um homem correto e honesto para consigo mesmo; ele valorizava a retidão no relacionamento social. Reações extremadas apenas revelam a sua dificuldade em compactuar com aquilo que ele julgava ser errado. Fora desse contexto, ele tinha um relacionamento harmonioso com seus alunos, amigos e familiares.

Nas mãos dos loyolistas

Os anos de sua meninice foram descritos em seus apontamentos autobiográficos. As cores são carregadas quando ele se refere aos padres jesuítas, do Ginásio Catarinense. As crianças tinham que decorar os ensinamentos da *Selecta Latina* e os castigos físicos e insultos verbais faziam parte do “arsenal pedagógico” dos padres jesuítas. O menino sofria duas vezes, pois era castigado severamente na escola e suas peraltices eram denunciadas ao pai, dando surgimento a surras de “causar admiração a Nosso Senhor”. Esses relatos contém uma severa crítica aos procedimentos adotados pelos padres, mas Cabral soube distinguir os loyolistas que eram bons educadores daqueles que amedrontavam a criança com o olhar feroz:

Logo que entrei para o Ginásio dei, entre tantos companheiros, expansão ao meu gênio alegre. E chamei assim, sobre mim, a cólera dos filhos de Loyola, meus educadores... Mas, eu não contava só com algozes. Tive também amigos, e destes guardo o nome do bom padre Jorge, do Reitor, o Padre Beck e do velhinho Padre Schüller, o amigo dos pobres e desprotegidos, cuja vida foi toda bondade, toda caridade. Eram educadores; compreendiam o temperamento de cada um e encaminhavam para o bem as ações dos seus educandos. Os outros... se soubessem os sentimentos que me despertaram... (in: DE SOUZA, 1993; p. 21).

Os padres insultavam as crianças e adotavam procedimentos variados para punir suas peraltices. Às vezes, a criança tinha que copiar várias vezes uma lição contendo algum ensinamento moral (*ad majorem Dei gloriam*) ou era obrigada a ficar um bom tempo de pé e com a face voltada para a parede, enquanto os colegas assistiam as aulas normalmente. Os castigos físicos eram basicamente puxões de orelha, tapas e os “bolos” com palmatórias. Cabral lembra bem do padre Germano, o loyolista que o olhava com desconfiança; dependendo das perguntas que os alunos faziam, ele respondia “isso é porcaria!”. Quem ria nas aulas era chamado de “porco”, pois os padres julgavam que os risos eram manifestações de pensamentos pecaminosos. O que eram as “imundícies”? Eram comentários impertinentes ou fora de contexto, zombarias ou traquinagens nas aulas e manifestações espontâneas que revelavam a curiosidade natural das crianças em relação aos fenômenos reprodutivos. Os educadores modernos são tolerantes em relação ao comportamento inquieto das crianças, pois é anormal que elas não sejam traquinas, e abordam com naturalidade e o mais cedo possível as coisas relacionadas ao sexo.

Os relatos sobre os procedimentos dos antigos loyolistas causam espanto, mas outras escolas adotavam procedimentos semelhantes ou até piores, como ocorria nas academias militares. Os pais espancavam rotineiramente os filhos e julgavam que era esse o caminho mais adequado para a “domesticação do espírito”. Para fugir dos olhares inamistosos dos padres, Cabral relata que se escondia em fossos para escoamento de águas pluviais, metia-se em caixas de cimento vazias ou até mesmo buscava refúgio nas latrinas. Nem durante as refeições os padres davam sossego, pois um simples murmúrio tinha como conseqüência a privação da sobremesa, um copo cheio de jabuticabas ou duas bananas.

Os internos e semi-internos tomavam banho às 16:00h, na praia do Müller, e eram acompanhados por um padre. O momento enchia de alegria a criançada. Os meninos vestiam um calção e, para cobrir as partes pudendas, faziam uso de uma toalha de rosto no momento da troca de roupa. O decoro tinha que ser preservado. Certa ocasião a toalha escapa das mãos do menino Oswaldo, deixando à mostra o “tinhoso”, a rolinha que se transformara indevidamente no próprio diabo. Todos ficaram escandalizados com a cena e, em uníssono, gritaram “porcaria!” Ao lembrar esses episódios e já com os cabelos brancos adornando a cabeça,

Cabral exibe um certo desapontamento em relação a tais procedimentos: o ser humano fora feito à imagem e semelhança de Deus, mas os loyolistas enxergavam “imundícies” até no corpo de uma criança.

Cabral era um “porco vadio” e os padres olhavam-no com desconfianças. Ele temia os castigos físicos, pois ele era punido na escola e em casa. Os padres tinham obsessão pelas “imundícies” do pensamento, mas alguns não tinham preocupação com o asseio corporal. Um dos loyolistas era apreciador de rapé, hábito que provocava a produção de uma graxa enegrecida (o rapé misturado com muco nasal). O material escorria durante as aulas, mas não perturbava o padre – de vez em quando ele metia o dedo mínimo nas entranhas nasais para remover o material solidificado e, com naturalidade, enxugava-o na batina. A cena era pavorosa...

As crianças eram severamente espancadas com vara de marmelo e palmatória e chegavam a passar fome, devido aos freqüentes jejuns impostos pelos religiosos (FREYRE, 1936). Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930), o pai do detetive Sherlock Holmes, escreveu algumas notas autobiográficas que esclarecem melhor a pedagogia dos padres jesuítas. Ele era de família católica e, aos dez anos de idade, fora encaminhado a uma escola mantida pelos jesuítas – a sua idade no momento da matrícula, o gosto pelos livros de Jules Verne (1828-1905) e a formação médica também aproximam *sir* Arthur do prof. Cabral. Seus relatos informam que as crianças mergulhavam nas obras de Virgílio e Homero, mas não tinham a mínima idéia do significado daquilo que liam. Elas nunca ficavam sozinhas umas com as outras e todas as atividades eram acompanhadas pelos padres, pois eles não confiavam nem um pouco na natureza humana. Os passeios e as brincadeiras eram monitorados por olhos atentos e, à noite, havia uma minuciosa vistoria nos dormitórios. Os castigos físicos beiravam o limite da capacidade humana e um instrumento muito utilizado era o *tolley* – uma tira de borracha com formato e feitura de um solado de bota, equivalente à palmatória. O *tolley* era aplicado vigorosamente na palma da mão, de modo que ela imediatamente inchava e mudava de cor, impedindo a criança de mover a maçaneta de uma porta. Os efeitos eram acentuados nos dias frios e os castigos muitas vezes eram aplicados duas vezes ao dia, pois nove “bolos” era o mínimo a ser aplicado em cada palma das mãos (DOYLE, 1993).

Os relatos de viagem do missionário Daniel P. Kidder (1815-91), metodista dos EUA que viera ao Brasil para difundir a leitura da Bíblia entre nós,

também relembra o fanatismo dos loyolistas. Eles estimulavam as crenças sobre os supostos poderes milagrosos do padre José de Anchieta, pois alardeavam a sua capacidade de produzir frutos nas árvores e o domínio das forças da natureza. O taumaturgo devolvia os mortos para que, ressuscitados, fossem batizados, os pássaros pairavam sobre a sua cabeça para protegê-lo dos raios do sol e, em suas andanças pelas matas, era escoltado gentilmente pelas feras. Os êxtases eram freqüentes, ocasião em que ele tinha visões sobre o futuro ou recebia revelações diretamente de Deus. O seu barrete curava todo o tipo de moléstia – conta-se que o contato com suas vestes e cilícios produzira duzentos milagres em Pernambuco, mais de mil no sul do Brasil.

As auto-flagelações era comuns e visavam a purificação do corpo, como podemos ver nos fragmentos sobre os hábitos de certo padre Joam d' Almeida, discípulo de Anchieta. Ele tinha uma coleção de chicotes que servia a esses propósitos e dizia que todo o seu poder viera dos pés do padre Anchieta, transmitido a ele quando tivera oportunidade de friccionar e banhar os pés de seu mestre. Os loyolistas acreditavam que o corpo era uma espécie de escravo rebelde e deveria ser martirizado continuamente, para conter os impulsos malévolos e como prova de devoção à Deus. O padre d' Almeida chicoteava o corpo, usava cilícios apertados numa das coxas e nunca trocava de roupa mais de uma vez por semana, mesmo com o calor e sudação decorrente de suas andanças pelas matas. Ele punha pedrinhas ou grãos de milho nos sapatos e deixava as pulgas e os mosquitos se fartarem com seu sangue, pois os incômodos das picadas contribuía para o ritual mórbido desejo de purificação corporal (KIDDER, 1980).

De volta às reminiscências do prof. Cabral. Ele relata que era bem enturmado entre os colegas do Ginásio Catarinense, mas a indisciplina e o desempenho na classe ocasionaram a sua expulsão da escola. O boletim final informava: "Falta de docilidade e o nenhum aproveitamento obrigam-me a excluir o aluno deste educandário". Nem os padres jesuítas conseguiram domesticar o menino endiabrado, como revelam suas notas: comportamento – zero, aplicação – dois; a turma tinha 34 alunos e ele fora classificado em 34º lugar! É claro que seus pais, o sr. Ary Natividade Cabral e D. Luiza Rodrigues Cabral, ficaram entristecidos com a expulsão do filho. O episódio também gerou algum desconforto entre os amigos do sr. Ary, homens da pequena Florianópolis que tinham idéias anticlericais.

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

Eles se dispuseram a agir visando a reintegração do menino à casa dos jesuítas, mas o pai não estimula tais ações e a coisa fica por isso mesmo – o jovem Oswaldo estava contente com a alforria e, em seu íntimo, ele achava que a expulsão fora um prêmio! Os padres vaticinaram um terrível futuro para o jovem rebelde – “não passaria de um ladrão do dinheiro de meu pai, de um limpa chaminés, de um engraxador de botas...” (in: DE SOUZA, 1993; p. 28).

A trajetória do “porco vadio” contrariou os melhores vaticínios de seus professores do Ginásio Catarinense, pois Cabral se transformou um intelectual brilhante e incansável desbravador de “terras desconhecidas”. Ele foi pioneiro em diferentes campos do conhecimento, escreveu obras seminais e foi um dos fundadores de instituições importantes, como a Faculdade Catarinense de Filosofia (1954) e UFSC (1960). Os relatos autobiográficos contêm críticas severas ao sistema educacional dos padres jesuítas, mas isto não o afastou de suas convicções religiosas e tampouco impediu que ele cultivasse boas amizades na alta hierarquia da Igreja Católica. Essas duas contradições são explicadas em razão dos arroubos típicos de uma criança inquieta (*i.e.*, traquinagens de uma criança não são bons prenunciadores da personalidade de uma pessoa adulta) e do discernimento que ele tinha sobre a complexidade do gênero humano (*i.e.*, os *loyolistas* eram severos e disciplinadores, mas isso não significa que todos fossem assim e tampouco a sua rejeição devesse ser estendida a toda Igreja Católica).

A herança intelectual dos *loyolistas*

Alguns intelectuais apontam que o atraso científico e tecnológico de Portugal foi ocasionado pela influência da Companhia de Jesus no ensino. Cruz Costa (1956) é bastante severo em relação aos jesuítas, ao mesmo tempo em que aponta que a história dos países ibéricos e de suas colônias (incluindo o Brasil, é claro) não pode ser examinada sem levar em conta o papel desempenhado pelos seguidores de Santo Ignácio de Loyola (1491-1556). Portugal teve uma indústria naval pujante e a qualidade do ensino era determinada pelas metas estabelecidas pelo Infante D. Henrique (1394-1460). O país estava envolvido numa febril atividade de exploração naval e o interesse pelas “coisas do Oriente” atraía engenheiros e artesãos de vários países (França, Holanda, Inglaterra e assim por diante), mas o país começou a entrar em decadência a partir do século 16.

O fenômeno tem explicações variadas, mas basicamente ele resultou da influência da Igreja Católica no sistema de governo e rotina administrativa. A decadência começou com o reinado de D. João III (1502-57), o governante que instalou um “teocracismo difuso” e o “monopólio do pensamento” – *i.e.*, todas as ações, governamentais ou não, deveriam ser condizentes com a fé religiosa.

Os religiosos da Companhia de Jesus se instalaram na Universidade de Coimbra e somaram esforços na luta contra as reformas implantadas pelo marquês de Pombal (1699-1782). Portugal começou a se afastar do grupo das nações desenvolvidas e a mediocridade contaminou o sistema educacional brasileiro. Os alunos aprendiam decorando textos, padres vestidos em professores zelavam pelo cumprimento dos rituais da fé, a voz dos mais velhos predominava em relação a dos mais novos, impedindo que novas idéias arejassem o ambiente. As dúvidas sobre os postulados da fé deveriam permanecer ocultas nos recônditos da alma, pois os tribunais do Santo Ofício não se descuidavam de suas funções. Os castigos físicos e ameaças amansavam os espíritos e tudo contribuía para o desaparecimento do arrojo intelectual. Em contrapartida, florescia o ensino livresco e um eruditismo ornamental. A influência dos jesuítas perdurou muito tempo e foi a causa da decadência do país (BRAGA, 1892; COSTA, 1956).

Portugal era uma potência naval e deu importantes contribuições para as artes da navegação, como os aperfeiçoamentos de certos instrumentos (*e.g.*, astrolábio, quadrante, balestilha e cartas náuticas) e a construção do maior navio de sua época, o Padre Eterno (ver DA SILVA, 1921; BARKER, 1998). A pequena nação ibérica tinha uma excelente indústria livreira, atraía as melhores inteligências e exportava-as para as nações menos desenvolvidas, como a França e a Inglaterra! Seus embaixadores eram recebidos, não com assombro, mas com veneração pelos monarcas do mundo inteiro, pois Lisboa era o centro da civilização (DANTAS, 1921).

Tudo isso se perdeu no momento em que D. João III fortaleceu os poderes dos tribunais da Inquisição e deu novos rumos a Portugal. Os obstáculos ao pensamento original e inovador se somaram a outros problemas, pois as conquistas navais trouxeram riqueza fácil, mas despovoaram Portugal. O fanatismo religioso quase ocasionou o desaparecimento da medicina e alimentou o charlatanismo praticado pelos religiosos, doravante médicos da alma e também do corpo. O comentário abaixo também revela algo sobre herança deixada pelos padres jesuítas:

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

A influência poderosa dos jesuítas deve-se a decadência, o atrazo, quasi o desaparecimento da medicina em Portugal, que até a época do descobrimento do Brasil florescera. Tudo porque, para aquelles intolerantes e fanáticos loyolistas, o nosso corpo, obra de Deus, não podia soffrer o desrespeito nem o agravo da pesquisa humana. Deante de tão insólita e nefasta theoria, que collocou o velho reino quasi fora da civilização, embora muito perto do céu, só restava um recurso aos que se sentiam com vocação para a carreira médica: emigrar, e num paiz de maior cultura, embora de menor religião, beber o ensino que se lhe negava em Portugal (EDMUNDO, 1932; p. 461).

O monopólio da fé teve impacto negativo na produção de inovações científicas e tecnológicas, pois o arrojo intelectual cedeu espaço ao dogmatismo religioso. Portugal entrou em decadência e a imagem negativa permanece até os dias atuais, como pode ser visto nas piadas sobre portugueses. Alguns especialistas apontam que o fenômeno teve outros desdobramentos, pois deu origem aos discursos recheados de expressões em latim, mas vazias, pedantes e sem consistência (FREYRE, 1936). O exibicionismo livresco ou o culto ao anel de grau (“bacharelismo”) também foi um efeito direto da deturpação pedagógica implementada pelos padres jesuítas.

Os efeitos da pseudo-erudição foram explorados num dos contos de Machado de Assis (1839-1908; “Teoria do medalhão”, 1882), mas quem deu melhor forma literária ao fenômeno foi Eça de Queiroz (1845-1900), o criador de dois personagens inesquecíveis: o conselheiro Acácio (“Primo Basílio”, 1878), tão conhecido que acabou gerando um verbete nos dicionários (acaciano: coisa ridícula, banal ou sem substância), e o incrível comendador Pacheco (“A correspondência de Fradique Mendes”, 1900). Os talentos de Pacheco eram imensos, mas ele os guardava dentro do crânio como um avaro guarda suas riquezas num cofre inviolável. Seus admiradores olhavam para sua testa e punham-se a imaginar toda a sua inteligência e preparo, mas Pacheco apenas sorria e olhava-os por alto. Ao morrer, ele recebeu as homenagens de uma pátria agradecida;

ele tinha um talento excepcional que se manifestava no vestuário, o tom solene quando se dirigia às pessoas e até no modo como ele se deslocava nas repartições. Ele não escreveu nenhum tratado e a sua “genialidade” não deixara vestígios nalguma ação administrativa. Pacheco era um “pastel de vento” e a pose lhe bastava.

Portugal todo, moral e socialmente, está repleto de Pacheco. Foi tudo, teve tudo. Decreto, o seu talento era imenso! Mas imenso se mostrou o reconhecimento de sua pátria! Pacheco e Portugal, de resto, necessitavam insubstituivelmente um do outro, e ajustadissimamente se completavam. Sem Portugal – Pacheco não teria sido o que foi entre os homens; mas sem Pacheco – Portugal não seria o que é entre as nações!

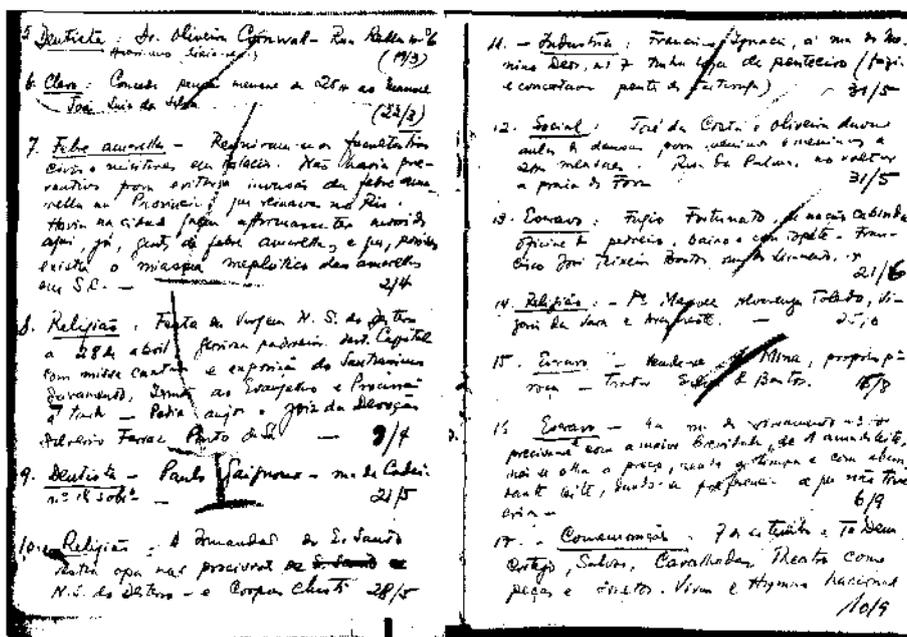


Figura 1
Cadernos de pesquisa contendo descrições e comentários sobre matérias publicadas nos antigos jornais da Ilha do Desterro.

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

O Conselheiro Acácio e o comendador Pacheco tinham algo em comum: o discurso pedante e a pose solene que escondiam a falta de substância intelectual. As humanidades é um campo cheio de armadilhas para os intelectuais arrojados, pois os mais jovens adoram citar os autores da moda e o pensamento “politicamente correto” impede ou dificulta substancialmente a germinação de certas idéias. Intelectuais independentes ou mais ousados correm o risco de serem classificados com adjetivos variados (*e.g.*, sexista, racista, conservador e assim por diante) e predomina uma espécie de “compadrio científico”: eu cito meus amigos, meus amigos me citam e, desse modo, nossas idéias ganham vida ou sobrevivem artificialmente. Isso explica o pouco conhecimento que os mais jovens têm sobre as obras de Josué de Castro, Oliveira Vianna e Nina Rodrigues – alguns baianos julgam que o Dr. Nina era mulher!

Cabral descobre o mundo

A expulsão do Ginásio Catarinense abre novos horizontes ao garoto Oswaldo. Ele se envolve em atividades teatrais e atua como diretor, contraregra e ator principal. Entretanto, o sr. Ary quase chega a matricular o filho na Escola de Aprendizes Marinheiros, a melhor solução que os pais encontravam para dar destino aos meninos incorrigíveis e endiabrados – D. Luiza derrama lágrimas em favor do jovem Oswaldo, de modo que ele consegue escapar da farda. Os amigos falam de sua personalidade centralizadora e o próprio Cabral reconhece isso: em seus ensaios teatrais ele reservava para si os papéis mais importantes – “Várias vezes fui general, sargento ou capitão. Tinha uma vocação extraordinária para a farda. Era autoritário como um coronel tarimbeiro” (in: DE SOUZA, 1993; p. 29).

A formação básica é concluída na Escola Normal Catarinense (1919) e, munido de um diploma que lhe permite lecionar nas escolas primárias, Cabral arruma emprego nas escolas de São Francisco do Sul e Joinville. Essas atividades são interrompidas, pois ele se matricula na Escola de Farmácia (1923) e logo se transfere para a Faculdade de Medicina, unidades pertencentes à atual Universidade Federal do Paraná.

A graduação é concluída na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1929), onde o presidente Washington Luiz (1869-1957; administração 1926-30) comparece à solenidade e lhe passa às mãos o título de médico.

A tese de colação de grau tinha o seguinte título: “Os problemas educacionais de higiene”, aprovada com distinção por todos os membros da banca, exceto o voto do prof. João de Barros Barreto (1890-1956), pois ele raramente concedia alguma nota excepcional aos candidatos. Os jornais de Santa Catarina anunciam o feito, lembrando que era algo quase impossível para uma pessoa de origem modesta se formar na mais prestigiosa escola de medicina do país. O tempo despendido na antiga capital da república ampliou os horizontes do jovem Cabral e parece que a proximidade com o sofrimento alheio lhe fez desabrochar a atitude afiliativa em relação aos humildes. Os relatos autobiográficos apontam nessa direção.

Cabral tivera oportunidade de se relacionar com personagens importantes da medicina de sua época. Ele estagiou na Casa dos Expostos, Fundação Graffrée-Guinle e na Pró-Matre, sempre cuidando de crianças, mulheres e idosos. Num de seus plantões, ele se sensibilizou com os infortúnios de uma negra que estava prestes a dar à luz. Ela dera entrada no dia anterior, no nono mês de gravidez, e o seu olhar de sofrimento denunciava uma série de problemas: respirava com dificuldades e padecia de uma grave toxemia. A mulher não tinha ninguém que a visitasse, nem marido ou alguma alma amiga, mas o olhar atormentado parecia revelar uma enorme vontade de viver. As outras gestantes recebiam visitas dos maridos e familiares e eram presenteadas com iguarias que atenuavam os efeitos da dieta insossa do hospital. Sensibilizada por sua miséria física e espiritual, a equipe de assistência hospitalar passou a lhe despende atenções especiais, de modo que sorrisos eventuais enfeitavam o semblante sofrido. Certa ocasião, Cabral resolveu presentear a negra com uma latinha de goiabada, gesto que deu surgimento a um sorriso de agradecimento. Começou a aflorar uma empatia entre o médico e a paciente: Cabral comprava maçãs para ela, sentava-se próximo para verificar a pressão arterial, examinava o volume ventral e anotava a evolução da gravidez na papeleta. A negra começou a se sentir a mais privilegiada das gestantes, pois julgava que as atenções do “dotô” eram direcionadas exclusivamente para ela. Ao iniciar um de seus plantões, Cabral percebe que o seu leito estava vazio, mas se tranqüiliza ao ser informado que a negra “ganhara nenê” e não tivera problema algum. O saudável crioulinho já tinha até nome: Jorge Cabral. A homenagem deixa o plantonista bastante emocionado, mais ainda ao saber que fora escolhido para ser o padrinho da criança. O batismo é realizado numa igreja próxima, mas, desafortunadamente, Cabral nunca mais teve notícias da mulher e de seu afilhado.

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

Outro episódio curioso ocorreu no dia de Santo Antonio (13 de Junho de 1929). Cabral era plantonista num pronto socorro do subúrbio do Rio de Janeiro quando, às dez da noite, surgira uma ambulância anunciando uma emergência. Uma mulher de cor parda fora balçada no ventre e necessitava de atendimento urgente, pois ela estava no último mês de gestação. Os médicos realizaram uma cesariana bem sucedida e encarregaram Cabral de fazer respirar o mulatinho. Antes que os procedimentos pós-operatórios fossem concluídos, a criança berra vigorosamente e Cabral localiza uma bala calibre 32 em seu bracinho. Ele remove a bala e faz os devidos curativos. Os repórteres ficam sabendo da história e não deixam escapar uma matéria jornalística com título sensacionalista: “Baleado antes de nascer!”. O jovem plantonista e os demais membros da equipe de assistência médica são fotografados ao lado da criança, a qual recebe o nome Antonio Oswaldo – Antonio porque o fato ocorreu no dia deste santo, Oswaldo porque foi nas mãos do hábil plantonista que a criança dera os primeiros anúncios de que pertencia ao mundo dos viventes.

Cabral conviveu com os luminares da medicina e muitos de seus colegas tornaram-se profissionais destacados; o curso lhe proporcionou uma sólida formação em ciências naturais. Ele relembra os enfrentamentos com o famoso prof. Raul Leitão da Cunha (1881-1947), catedrático que reprovava os alunos “com a maciez de quem fazia um curativo”. As aulas de anatomia patológica eram ministradas no Pavilhão Torres Homem, lugar que parecia estar “prestes a ruir sob o peso de tanta ciência e o volume de tanta glória”. Com o diploma nas mãos, Cabral retorna a Santa Catarina, onde instala um consultório em Joinville, misturando a clínica médica com atividades jornalísticas e de historiador (1930-35).

A visita aos EUA

Em 1943, o Departamento de Estado dos EUA, na voz do cônsul Reginald Kazanjian, convida o Prof. Cabral a visitar aquele país. Os relatos da viagem deram surgimento ao livro “Terra da liberdade” (1944). O périplo durou quase três meses, excluindo os três dias de ida e quatro de volta, e Cabral teve oportunidade de conhecer museus de arte e de história natural, hospitais, universidades e a principais instituições governamentais do nosso grande irmão do norte. Foram visitadas as doze capitais mais importantes do país e o grupo era composto por personagens ilustres de diferentes países da América do Sul.

Essas visitas faziam parte do programa conhecido como “política da boa vizinhança”, instalado pelos americanos no final da II Guerra Mundial. O grupo visitou os locais mais importantes, mas também teve oportunidade de conhecer detalhes da história dos EUA, como o fluxo migratório em direção ao oeste, a incorporação do Texas e da Califórnia ao território dos EUA e a compra da ilha de Manhattan (1623), vendida pelos índios ao holandês Peter Minnuit por mais ou menos 25 dólares. Em Hollywood, Cabral se depara com os astros consagrados do cinema e se encanta com os “cinematografistas” em ação.

“Terra da liberdade” é um livro que merece ser examinado com atenção, pois permite entender as causas da pujança econômica dos EUA. No início da década de 1940, o país já dispunha de inúmeras universidades e uma enorme população estudantil – rara era a cidade que não dispunha de uma instituição de ensino superior (lembramos que a Universidade de São Paulo foi criada somente em 25 de Janeiro de 1934). A estrutura de ensino era bastante flexível, as universidades se completavam e dispunham de bibliotecas e laboratórios bem aparelhados. Elas eram privadas, pagavam impostos e sobreviviam às custas de serviços prestados à comunidade e doações generosas de filantropos. A valorização do conhecimento e o investimento em educação explicam a enorme discrepância entre o Brasil e EUA – elas já existiam na época da visita do prof. Cabral, mas foram acentuadas com o tempo.

Notamos também comentários interessantes sobre a personalidade do americano comum, independência da mulher e segregação racial. Segundo Cabral, “o americano tem tanto de amável e de expansivo, quanto tem o seu parente mais próximo, o inglês, de fechado e seco” (p. 80). O cidadão comum é honesto, cooperativo e autoconfiante; ele facilmente se abre numa prosa corriqueira, busca a simplicidade das coisas e tem “boa palestra”. A mulher americana usufrui de maior liberdade que as mulheres brasileiras – a fidelidade conjugal é valorizada, mas, quando marido e mulher não se ajeitam, existe o recurso do divórcio. Cabral entende que existem abusos na concessão deste direito, mas “os casais felizes não precisam dele para a resolução dos problemas da vida – e os infelizes não se obrigam a carregar o pesado fardo por toda ela” (p. 163). No Brasil, a lei do divórcio foi aprovada no Brasil em 26 de Dezembro de 1977.

A segregação racial foi um assunto que mereceu comentários negativos por parte do ilustre lagunense. Ele apontou a pobreza dos negros e ficou espantado com as perseguições sofridas pelos praticantes de cultos afro-americanos; numa terra que valorizava a liberdade religiosa, não era adequado que inofensivos pais de santos fossem metidos no xadrez. As autoridades americanas deveriam agir para eliminar essas chagas sociais, pois “o negro cresce e progride e a nação não poderá ficar indiferente a este progresso e suas naturais conseqüências” (p. 263-64). Esses comentários são importantes, pois invalidam as teses de que Cabral era um intelectual provinciano, conservador e mais propenso a defender a primazia da raça branca. A sua obra esclarece o modo como duas nações bem parecidas (EUA e Brasil) lidaram com problemas complicados, desde a emancipação feminina até a segregação racial.

Os variados talentos do Cabral

Os médicos em geral têm um talento especial para a descrição do sofrimento humano, pois eles convivem rotineiramente com doenças e estados mórbidos. A morte está sempre rondando o seu dia-a-dia, de modo que o conhecimento especializado e o olhar atento, tão necessário para elaboração de diagnósticos, lhes conferem uma sensibilidade especial em relação aos tormentos da alma. Alguns escritores tinham formação médica, como *sir* Arthur Conan Doyle – a mente racional de Sherlock Holmes muitas vezes recorria aos conhecimentos médicos de seu amigo, o dr. Watson – e outros, como Charles Dickens (1812-70) e Thomas Mann (1875-1955), consultavam os periódicos científicos ou recorriam aos amigos médicos para descreverem com precisão as perturbações vivenciadas por seus personagens.

O escritor Guimarães Rosa (1908-67) era médico e um dos contos de “Sagarana” (1946; “Sarapalha”) descreve os sinais e sintomas da febre amarela (*sezão*), enfermidade que fizera sumir quase toda a população escondida num dos grotões de Minas Gerais. Seus relatos são precisos e trazem informações importantes para os especialistas. Entretanto, quem é mais reverenciado no mundo da ciência é o médico-escritor Anton Tchekhov (1860-1904). Ele nunca abandonara a clínica médica e a sua obra descreve perturbações mentais, efeitos da privação do sono e o tratamento hospitalar dispensado aos doentes mentais – i.e., duchas frias, açoites e isolamento físico.

Certos escritores escreviam como se fossem médicos, o que desperta a atenção dos especialistas. Análises de suas obras dão origem a papers publicados em conceituados periódicos científicos (JAMA ou *Lancet*) ou servem de inspiração para designação de novas enfermidades, como “síndrome de Mr. Pickwick” ou “doença do Chapeleiro Maluco” (personagens de Charles Dickens e Lewis Carroll, respectivamente).

Alguns historiadores ou estudiosos do folclore também tinham formação em medicina, como o maranhense Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), o pai da medicina legal brasileira e o primeiro estudioso a dedicar atenção à cultura negra. Suas idéias sobre a suposta degeneração da raça negra seguem o pensamento do criminologista Cesare Lombroso (1836-1909), mas, interessantemente, Nina Rodrigues freqüentava terreiros de candomblé e parecia apreciar a proximidade com os negros. Graças aos seus esforços que os contos de quibungo foram preservados. Afrânio Peixoto (1876-1947) foi discípulo do Dr. Nina, mas o seu nome é mais associado à produção literária – foi membro da Academia Brasileira de Letras. O médico Arthur Ramos (1903-49) também deu importantes contribuições aos estudos do folclore e história do Brasil. Entretanto, o mais conhecido desses especialistas foi o potiguar Luis da Câmara Cascudo (1898-1986); ele freqüentou os primeiros anos do curso de medicina (Escola de Medicina da Bahia) e desejava ser um médico de província, mas as dificuldades financeiras o conduziram para o curso de Direito.

Cabral dera importantes contribuições para historiografia e antropologia, como atestam seus livros “Medicina, médicos e charlatães do passado” (1942) e “João Maria” (1960). As explicações originais e até surpreendentes são decorrentes de sua formação médica e inclinação para as ciências naturais. Os historiadores geralmente não se interessam por temas especializados, como os relatos sobre os primórdios da medicina ou da engenharia, pois a tarefa requer o domínio de conceitos e de uma terminologia especializada. Por seu turno, médicos e engenheiros geralmente não se interessam pela história das ciências, pois imaginam que o assunto foge ao escopo de suas atividades principais (*i.e.*, eles são treinados para tratar doenças ou vivem imersos no mundo das equações matemáticas) ou porque simplesmente lhes falta competência para escrever algo que tenha alguma qualidade literária. É necessário que o *scholar* tenha livre circulação entre esses dois mundos acadêmicos e isto explica a existência de poucas obras sobre a história das ciências.

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

O livro “A medicina teológica e as benzeduras” (1958) é outra contribuição notável e singular, pois aborda três assuntos discrepantes: o folclore nativo, o culto aos santos e história da medicina. O livro obteve o segundo prêmio no 5º Concurso de Monografias sobre folclore nacional, patrocinado pela Prefeitura de São Paulo. Cabral exhibe o seu vasto conhecimento sobre a Bíblia, mostra os milagres e os santos a quem as pessoas recorrem em momentos de aflição, como dor de barriga, rebate (mastite, ou retenção do leite nos primeiros dias *postpartum*), quebranto e mau olhado, espinhela caída (qualquer coisa relacionada ao apêndice xifóide que ocasiona dor ou dificuldade respiratória) e ataques das bichas (ascaridíase). Somente um intelectual com formação variada e dotado de uma mente esclarecida poderia dar surgimento a tal obra. Quando uma benzedeira se deparava com parto difícil e complicado, elas apelavam para Santa Bárbara:

Santa Bárbara levantou, vestiu e calçou.
Seu caminho caminhou e encontrou Nosso Senhor:
– Onde vais, Bárbara virgem?
– À vossa casa, Senhor.
– Volta, Bárbara Virgem! Onde você estiver não morrerá
mulher de parto, nem ninguém afogado (p. 158).

Há muito tempo que a medicina se esqueceu de seus santos padroeiros, como Apolônia (padroeira dos dentistas) e os irmãos gêmeos Cosme e Damião (padroeiros dos cirurgiões), mas a invocação dos santos revela a persistência do estágio teológico da medicina. Cabral faz uma distinção entre benzedores, curandeiros e charlatões. Os primeiros agem de boa fé e recorrem aos santos ou ao próprio Deus em benefício de um enfermo; as rezas e benzeduras são bastante parecidas e devem ser examinadas pelos estudiosos do folclore, pois são elementos fossilizados da cultura. Curandeiros são aquelas pessoas que detêm conhecimentos rudimentares sobre certas moléstias, curando-as com garrafadas, beberagens, mezinhas e chás. Os charlatões são os que mais malefícios provocam, pois exploram em benefício próprio a credulidade alheia; eles agem de má fé ou adotam procedimentos sutis e fraudulentos com o intuito de extrair lucros da ignorância da população. Eles usam o discurso da medicina oficial, mas são apenas parasitas da boa ciência. Enquanto que as rezas e benzeduras devem ser estudadas, pois são elementos em franco desaparecimento, o curandeirismo e o charlatanismo devem ser combatidos.

O conhecimento médico pode ser útil para a compreensão de fenômenos como a geofagia e o banzo, enfermidades que atingiam a população negra nos anos quinhentistas. Os antigos imaginavam que o “vício de comer terra” era resultante da índole degenerada ou era uma forma que os escravos encontravam para dar fim ao sofrimento – negros que tinham o “vício” eram obrigados a vestir uma máscara pontuda de flandres, de modo a impedir que algo fosse levado à boca. Alguns historiadores explicavam a geofagia como uma degeneração mental ou simples bestialismo, mas tratase de um fenômeno bastante comum no nordeste do Brasil e em muitas regiões da África. Trata-se de um distúrbio nutricional que atinge principalmente as crianças e mulheres grávidas ou lactantes, ocasionado por uma dieta pobre em certos nutrientes (ferro, principalmente). A geofagia promove um profundo debilitamento físico, pois a falta de higiene facilita as contaminações por *Ascaris lumbricoides* (ver PRINCE *et al.*, 1999; LUOBA *et al.*, 2004).

O banzo é outro fenômeno pouco compreendido pelos historiadores. Trata-se de uma enfermidade neurodegenerativa ocasionada por dois agentes parasitários: *Trypanosoma brucei gambiense* e *T.b. rhodensiese*. Os antigos viajantes informavam que o banzo era a “doença da saudade”, a “malencolia do cativo” ou a “nostalgia dos negros”. O indivíduo acometido da moléstia caía em profunda prostração, exibia um olhar perdido no vazio, recusava o alimento e morria imerso numa profunda tristeza. O fenômeno nada mais era que a conhecida doença do sono, flagelo que ainda atormenta os turistas que visitam a África. Os dois agentes patogênicos são transmitidos pela mosca tsé-tsé e os sintomas são mais ou menos parecidos com os da dengue e da febre amarela.

Os especialistas julgam que existem duas formas de doença do sono, pois os sintomas da infecção causada pelo *T.b. rhodesiense* se manifestam mais rapidamente e 80% das mortes ocorrem em poucos meses, mas os indivíduos contaminados com o *T.b. gambiense* permanecem assintomáticos mais tempo – o período de incubação permitia que os escravos tivessem o agravamento da doença somente no Brasil. A doença quase sempre era fatal e os sintomas mais freqüentes eram: febres persistentes, enxaquecas, mudanças de humor, comportamento esquivo, letargia e profundo debilitamento físico e, é claro, sonolência diurna (ver WELBURN *et al.*, 2001; KRISHNA & STICH, 2005; BARRETT, 2006; KENNEDY, 2008).

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

O mecanismo do banzo foi elucidado pelo médico baiano Pirajá da Silva (1873-1961; notas e comentários da obra de VON MARTIUS, 1939), mas muitos historiadores desconhecem essas explicações e insistem em explicar a doença como resultante da saudade que os negros tinham por sua terra – e os portugueses degredados?

A produção intelectual e os amigos

Foi em Joinville que o intelectual ainda na mocidade escreve o seu primeiro e mais conhecido livro (“Santa Catarina – história e evolução”, 1937), integrando a prestigiosa coleção Brasiliana da Companhia Editora Nacional. Antes disso, ele se muda para Florianópolis, atendendo a um convite para criar um serviço de assistência médica na capital (1936-45). A sua vida toma novos rumos, pois ele começa a escrever ensaios nos jornais e se filia ao partido União Democrática Nacional (UDN); ele se elege deputado estadual e ocupa a presidência da Assembléia Legislativa. Mais tarde, ele se desentende com o governador e, em certas ocasiões, passa a apoiar os pleitos do Partido Social Democrático (PSD). Cabral foi um importante líder político, como podemos ver nos depoimentos de Nereu Correa (discurso na Assembléia Legislativa, 1981) e Armando Calil Bulos, o colega de Assembléia Legislativa que discursara por ocasião do falecimento do prof. Cabral. São suas as seguintes palavras:

Confesso que na Assembléia Constituinte de 1947, foi esse lagunense o parlamentar mais temido pela bancada situacionista. Anunciava-se que ele ocuparia a tribuna e as galerias ficavam repletas. Funcionários públicos esqueciam o ponto. Estudantes faltavam às aulas. Políticos vibravam no arejado Palácio da Praça da Bandeira. Sua fala trazia a mesma forte personalidade que se deparava no escrito do jornalista e do historiador. Quando não estivesse encantando o adversário, estaria sacudindo-lhe os nervos. Era um grandiloquente (in: DE SOUZA, 1993; p. 110).

O nosso homem tinha interesses variados e fora bem sucedido em tudo o que ele fez. Com efeito, Cabral desenhava aquarelas primorosas e chegou a publicar novelas e romances um tanto picantes, escondidos por trás do pseudônimo Egas Godinho: “Fortunato Barbosa, escriturário padrão” (1951) e “Chuva de pedra” (1974). Ele também percorrera os caminhos da poesia, detalhe de sua biografia que é desconhecido até por seus amigos mais próximos. Os poemas revelam uma preocupação com detalhes da natureza, curiosamente relacionados aos insetos e o nascer do Sol: “o chiado vespéral das cigarras põe na tarde calma um perfume esquisito” (“Crepúsculo”). O naturalismo se manifesta nas descrições das asas transparentes e finas dos insetos e a música dos galos que anunciam o despertar da natureza. A linguagem poética se mistura com certa dose de cientificismo, como notamos nos ensaios que falam sobre a atração dos insetos por focos de luz – “dançam” e caem tontos, embriagados ou como se tivessem ingerido grande quantidade de luz, a sua “cocaína”. Como informamos anteriormente, o jovem Cabral fora leitor contumaz das obras de Jules Verne e os floreios poéticos revelam o seu encantamento diante das inovações científicas e tecnológicas de seu tempo (*i.e.*, as primeiras décadas do século 20).

O historiador Eric Hobsbawm (2002) postulou que o século 20 foi um dos mais curtos da história, pois praticamente teve início com a deflagração da I Guerra Mundial (1917) e findou-se com a queda do Muro de Berlim (1989). A extravagante tese tem um certo sentido, pois o período foi bastante tumultuado e nós não sabemos se o saldo foi positivo ou negativo. As inovações científicas e tecnológicas permitiram o aumento da longevidade, a redução da mortalidade materno-infantil e o controle de doenças infecto-contagiosas, mas nesse mesmo período o homem vivenciou os horrores de duas guerras mundiais, dominou e conheceu a força do átomo (bomba atômica e de hidrogênio) e a corrida espacial deu surgimento aos satélites artificiais de comunicação. Os olhos voltados para o futuro impulsionaram o intelecto humano para a conquista da Lua, mas a humanidade também vivenciou a ascensão de sistemas totalitários e viveu a expectativa de uma colisão ideológica entre o capitalismo ocidental e o comunismo soviético (Guerra Fria). O século 20 foi curto e bastante tumultuado.

Saram de Arte

Era noite de gala aquella, no mundo dos Insectos
Estavam todos assanhados,
Dos mais ensadados
Aos mais quietos.

Da janela do meu quarto puz-me a contemplar
O salenne saram daquelle noite.
- O palco, a folha de uma porsira,
A minha janela fronteira,
Bambolinas - as outras folhas,
Luz da Lua e das Estrellas.
Começa o espectáculo.

A orchestra executa o Guarany.
Segue-se o bailado das Paulovas borboletas,
Lancas, irrequietas,
Espalhando pelo ar, doirado pólen de suas asas
Que, cigarra vae cantar agora um trecho do Palhaço
Lavada ao palco pela bozo
De um velho Formigão.

Depois faz-se silencio. E de vagas
Molhido no seu lustroso frack preto
O Dr. Besouro põe-se a recitar
E um trecho de poema heroico
"Ausphebiadas"
Que canta a bravura dos mosquitos
Por terra e ares palludados.

Mais numeros, outros, variados
E por fim, todos cansados, levantam-se.
A orchestra toca o hymno.
O maestro Grillo, de batuta e não
Refe o ultimo numero da funcção

Palmas ao findar.
Caso pauco:
Um tenaz raio de prata do luar,
.....
Fede a janela. Uma ganta de booca
Rompe a meu lado
Um estranho desconfiarlo:
Era um parasilougo plebeu..... que não fora conselheiro.

Figura 2

Fragmentos do livro de poesia (não-publicado), escrito em 1927 em comemoração ao aniversário da noiva, D. Olívia.

As ilustrações e a letra são do próprio autor.

Cabral viveu inteiramente no século 20 e exibiu um deslumbramento em relação às conquistas tecnológicas. Ele apreciava os livros de ficção científica e exibiu uma admiração por Thomas Alva Edison (1847-1931) e Henry Ford (1863-1947), como podemos notar no seu curioso linguajar poético (e.g., “velocismo fordífero”, lâmpadas bojudas da General Electric e “edisonização das micrescências humano-orbiterráqueas”). Essas poesias foram escritas há mais de meio século e são frutos de um cérebro ainda na mocidade – um escritor de Minas Gerais detectara um certo valor literário no estranho linguajar, mas aconselhou o jovem Cabral a trilhar outros rumos, caso contrário tudo aquilo só serviria para ilustrar as discussões dos psiquiatras sobre coisas esquisitas da mente. Cabral não ficou nada aborrecido com os “conselhos”.

Cabral era bom orador e tinha amigos importantes na política. Ele poderia ter uma vida sossegada como médico de província ou poderia ser bem sucedido em suas atividades jornalísticas, mas ele plantou as árvores mais frondosas e de frutos mais suculentos no terreno da intelectualidade. O discurso proferido durante a solenidade de outorga do título “Professor Emérito” (1974) não deixa dúvidas: Cabral amava o ambiente universitário. Ele esteve diretamente envolvido na criação da Faculdade Catarinense de Filosofia (1954), uma das instituições que alicerçaram a Universidade Federal de Santa Catarina (1960), e o Instituto de Antropologia (ver DOS SANTOS, 2005; MEIRINHO, 2005). Nós não podemos esquecer os seus livros e participações em agremiações científicas. Ele era um intelectual respeitado no mundo acadêmico, como podemos ver no prefácio que Roger Bastide (1898-1974), especialista francês em religiões afro-brasileiras, fizera em relação ao livro “Cultura e folclore”:

Oswaldo Cabral n'a pas besoin d'une présentation: il est un des Maîtres les plus chers et les plus estimés de la science folklorique; son nom est connu à l'étranger comme au Brésil. Et d'un autre côté, sa modestie de savant est trop grand pour qu'il accepte, d'un admirateur de ses travaux, les louanges qu'ils méritent (In: CABRAL, 1954; p. 7)

Bastide foi um intelectual respeitado no mundo inteiro e era um tipo de scholar que não desperdiçava palavras. O livro “Cultura e folclore” contém uma carinhosa dedicatória à sobrinha Sara, mas merece ser destacado por ser uma contribuição metodológica às pesquisas sobre folclore. Outros pesquisadores já haviam desbravado o terreno, como Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Câmara Cascudo, mas o livro de Cabral é inovador como manual para as pesquisas de campo. Ele enfatiza o valor da observação direta, a coleta de informações *in situ* e descreve os procedimentos que devem ser adotados nas pesquisas etnológicas. Ele faz uso de uma palavra de difícil pronúncia ao designar os especialistas num novo campo de conhecimento: o “folclorólogo”. As pesquisas de campo são essenciais, mas elas necessitam de planejamento, uso de equipamentos adequados e pessoal qualificado. Não é uma atividade para amadores, curiosos e diletantes, argumenta o prof. Cabral.

Uma outra obra importante, mas pouco examinada, é “Medicina, médicos e charlatões do passado” (1942). O livro descreve as doenças e as práticas médicas na ilha do Desterro em tempos imemoriais. A primeira escola de medicina foi instalada na capital da Bahia e foi consequência da vinda da família real portuguesa ao Brasil (1808). Antes disso, os médicos eram em número reduzidíssimo e todos eram formados na Europa, de modo que os charlatões, benzedeiros e curandeiros infestavam o país e adotavam práticas curiosas no tratamento da *bouba* (varíola), *sezão* (febre amarela), *mal de Lázaro* (designação genérica para diferentes enfermidades, como lepra, sífilis e elefantíase) e o *mal de sete dias* (tétano umbilical). Eles recomendavam beberagens estranhas, aplicavam bichas (sanguessugas), ventosas ou faziam sangrar o infeliz que chegava às suas mãos.

Cabral considerava o livro “Medicina, médicos e charlatões” apenas um “balão de ensaio” para “Nossa Senhora do Desterro” (1979), livro que ele julgava ser o mais importante de sua carreira, mas a contribuição sobre a história da medicina é uma preciosidade. Ele resgata a memória de antigos homens das ciências e não se esquece de mencionar o nome da valorosa Maria Baiana. O fornecimento de água na ilha era feito em carroções e a falta de higiene facilitava a propagação de enfermidades variadas, como a epidemia de *cholera morbus* que atingiu Florianópolis em meados do século 19. Os pacientes eram encaminhados para o lazareto instalado na fortaleza da ilha de Santo Antonio dos Ratoes e eram lá mantidos até que o sopro da morte lhes bafejasse em suas faces. O prof. Cabral descreve a epidemia,

informando o temor vivido pela população e os óbitos nas diferentes localidades. No que diz respeito à negra Maria Baiana, o seu nome foi descoberto nas páginas dos velhos jornais da época (“Mensageiro”, 27 de Outubro de 1855), os quais mencionavam que ela auxiliava abnegadamente os doentes, até o momento que ela própria é mortalmente vitimada pela enfermidade. O depoimento final do desembargador Ungaretti descreve melhor o papel desempenhado por essa mulher.

A antiga ilha do Desterro era um lugar insalubre e os mais esclarecidos tinham verdadeiro pavor de pisar nas areias de suas belas praias, pois elas eram depósitos de lixo e animais mortos. Os rios e mangues também exalavam odores nauseabundos (*miasmas*), os mosquitos tornavam impenetráveis o mato circundante e de vez em quando alguém localizava o corpo de um anjinho, fruto de um “amor fugaz”, ou o cadáver de um escravo que sequer fora merecedor de um sepultamento cristão – eles eram enterrados nas praias ou eram amarrados num tronco e lançados nas águas do mar. Os urubus infestavam as praias e os escravos despejavam, à noitinha, os enormes tonéis contendo excrementos fecais – os “tigres”. Os tonéis eram feitos de madeira, de variados tamanhos, e os escravos desciam as ladeiras com a carga equilibrada na cabeça, sempre gingando o corpo para manter o equilíbrio. Eles berravam aos quatros ventos (“vira, vira”) e os transeuntes se afastavam correndo, como se estivessem fugindo de um animal feroz. Os acidentes eram comuns e besuntavam o corpo do negro com o fétido material, dando-lhe um aspecto de tigre malhado. Esses enormes tonéis ficavam no interior das residências, acumulando os excrementos de vários dias dos urinóis (FREYRE, 1936; CASCUDO, 1954).

“Nossa Senhora do Desterro” contém dois capítulos que abordam especificamente a vida dos escravos na ilha. As taxas de mortalidade eram elevadíssimas, em razão das condições insalubres, trabalho físico extenuante e alimentação pobre em nutrientes (farinha de mandioca, feijão e algum toucinho). Quando adoeciam, os proprietários insensíveis deixavam os escravos entregues à própria sorte ou revendia-os com certo desconto. Esses dois capítulos relembram antigos costumes, como a amamentação mercenária (mães-de-leite, as negras que emprestavam, em troca de algum benefício, suas mamas para alimentar os filhos das sinhazinhas) e a triste sorte dos enjeitados (bebês que mães solteiras ou desamparadas deixavam à porta de uma igreja ou diante de uma casa previamente escolhida para tal).

Negros e mulatos levavam uma vida difícil na ilha do Desterro, mas o prof. Cabral não deixa de mencionar que alguns proprietários proporcionavam tratamento humanitário aos negros; alguns chegavam a despendar uma boa quantia em dinheiro na aquisição de famílias completas, pois doía-lhes o choro das mães que se viam prestes a ter a família dilacerada.

A UFSC e o Instituto de Antropologia

A carreira universitária de Cabral teve início em 1952, ocasião em que ele passa a atuar como Livre Docente de Medicina Legal, na Faculdade de Direito. Era de se esperar que o seu interesse fosse direcionado para a área médica, mas logo em seguida Cabral assina contrato para atuar na Faculdade de Filosofia (1955), tendo aos seus encargos a disciplina “História da Antiguidade e da Idade Média”. No ano seguinte, ele assume a disciplina “Antropologia Cultural” (1956), ministrando-a até a aposentadoria. Ele também ministra “História de Santa Catarina” (1958) e, provisoriamente, “História da Arte” (1960). A disparidade temática já anunciava que o homem de quem estamos falando tinha interesses variados e apreciava atuar no campo das humanidades.

A sua carreira como administrador teve início quando o saudoso prof. Henrique da Silva Fontes (1885-1966), diretor da Faculdade de Filosofia, o incumbiu de instalar o Laboratório de Reprodução Fotográfica (Portaria 074/1957); em seguida, ele é designado diretor da Seção de Documentação Histórica e Cartográfica (1960). A partir da criação da Universidade Federal de Santa Catarina (1960), Cabral é eleito diretor da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (15 de Setembro de 1961); o candidato natural ao cargo era o prof. Fontes, mas ele tinha mais de 70 anos e fora alcançado pela aposentadoria compulsória. A UFSC estava dando os passos iniciais e os administradores se deparavam com sérios problemas pela frente (*e.g.*, escassez de recursos orçamentários, inexperiência e falta de pessoal qualificado).

Cabral era muito cioso de suas responsabilidades e isso lhe trouxe alguns problemas. Com efeito, ao assumir a direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1961), ele ordena a instalação de um relógio de ponto à entrada do prédio. O fato gerou forte descontentamento entre os professores e Cabral acabou se demitindo do cargo. Entretanto, ele desempenhou papel importante para a formação de um seleto grupo de pesquisadores em antropologia. Muitos deles permaneceram na UFSC e outros migraram para outras instituições, como o Museu Nacional, no Rio de Janeiro.



Figura 3

Comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil.
Cabral recepciona o amigo Gilberto Freyre em Florianópolis
(8 de Outubro de 1972).

O zelo institucional e o temperamento complicado deram origem a incidentes curiosos. Durante a implantação da Universidade de Brasília, o então reitor Darcy Ribeiro (1922-97), antropólogo bastante conhecido, começou a buscar as melhores inteligências no celeiro criado pelo prof. Cabral. A Faculdade de Filosofia já contava com um número reduzido de professores, de modo que os assédios agravavam ainda mais o problema. Diante disso, Cabral envia um telegrama ao colega da UnB: “– Porque não leva os alunos também, já que me furta os professores?” (in: DE SOUZA, 1993; p. 182). Darcy Ribeiro não respondeu ao telegrama, mas nunca mais “furtou” os tesouros de Cabral.

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

O afastamento da direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras acabou motivando o projeto de criação do Instituto de Antropologia. Em carta enviada ao Conselho Universitário da UFSC (5 de Outubro de 1964), Cabral e dois auxiliares mais destacados (Silvio Coelho dos Santos e Walter Fernando Piazza) manifestam a preocupação com a preservação de sítios arqueológicos de Santa Catarina (*e.g.*, sambaquis, vestígios petroglíficos e a cerâmica ou desenhos feitos nos abrigos pelos povos primitivos) e apontam, oportunamente, os instrumentos legais que praticamente impõem à UFSC as responsabilidades de preservação do patrimônio arqueológico (Lei 3.924, 26 de Julho de 1961). Os esforços deveriam ser planejados e somente seriam operacionalizados com a criação de uma nova unidade acadêmica. O documento atinge seus propósitos e, então, é criado o Instituto de Antropologia (1965).

O campus universitário já estava instalado no bairro Trindade, onde anteriormente abrigava a Fazenda Experimental Assis Brasil, do governo estadual. Lá existia uma estrebaria que se encontrava em ruínas, mas Cabral reformou o prédio e instalou o Instituto de Antropologia no local. A nova unidade acadêmica tinha salas de aulas, biblioteca, laboratórios e salas para os pesquisadores que se dedicavam a estudos variados (antropologia, arqueologia e etnologia). Algumas peças do acervo arqueológico ficavam expostas ao público, mas a finalidade precípua do Instituto de Antropologia era a pesquisa num novo campo de conhecimento, não o entretenimento aos visitantes ocasionais. A inauguração ocorreu em 29 de maio de 1968 e foi prestigiada com a presença do governador Ivo da Silveira (1918-2007, administração 1966-71), o reitor João David Ferreira Lima (1910-2001) e outras autoridades.

O operoso prof. Cabral logo busca convênios com instituições nacionais e internacionais, como o Museu Nacional (Rio de Janeiro) e Museu do Homem (Paris, França), e ordena a importação de réplicas de caixas cranianas de homínídeos para estudos comparativos. O Instituto de Antropologia atraía pesquisadores do Brasil e exterior, como Wesley Hurt, Beth Megglers, Egon Schaden e Roque de Barros Laraia. Essa gente vinha para ministrar conferências ou mandavam seus estagiários para participarem das pesquisas lideradas por Cabral. O momento era de ebulição intelectual e tudo prenunciava um futuro brilhante para o Instituto de Antropologia. Imagine que aquele local abrigava cavalos e peões rudes...

Os ventos começaram a trocar de direção a partir da implantação da Reforma Universitária (1970). A estrutura administrativa das universidades é radicalmente modificada e a UFSC foi a primeira instituição a abraçar integralmente as novas diretrizes impostas pelo governo federal. Os institutos desapareceram do organograma da UFSC e evaporara o sonho do prof. Cabral: ele é transformado em Museu de Antropologia, mais tarde Museu Universitário “Oswaldo Rodrigues Cabral”. A mudança veio no bojo da Reforma e não significou apenas uma mudança de nome, pois a pesquisa básica e original era praticamente inexistente e, na época, os museus eram apenas um local destinado para a exposição e conservação de peças com certo valor histórico. A nova estrutura universitária especificava a criação de departamentos, centros e sub-reitorias (pró-reitoria, nome atual), de modo que os institutos não se coadunavam com a nova organização. Existiam outras duas unidades semelhantes ao Instituto de Antropologia (Instituto de Direito do Trabalho e outra de pesquisa sócio-econômica), mas elas simplesmente desapareceram com os novos espíritos universitários.

Os institutos foram extintos por razões técnicas e Cabral e seus auxiliares tiveram entre 24 e 48h para encontrar uma solução para o problema, antes que a proposta fosse encaminhada ao Conselho Universitário para deliberações finais. O prazo era exíguo e beirava à insanidade, mas o instituto de pesquisa acabou se transformando num museu. O episódio causou profundo mal-estar entre os pesquisadores, pois todos sabiam qual era a diferença entre uma instituição de pesquisa e outra que cuida do acervo antropológico. O Museu de Antropologia passou a integrar o recém-criado Departamento de Sociologia e seus componentes passaram a habitar um novo ambiente, competindo por recursos e se envolvendo com novas funções administrativas. Cabral e seus auxiliares tinham construído um *ethos* próprio, o instituto tinha certa autonomia administrativa e eles haviam criado até um periódico para desaguar os resultados das pesquisas (“Anais do Instituto de Antropologia”). Cabral e seus auxiliares eram ambiciosos e buscavam a inserção do grupo no cenário internacional.

A operosidade e a mente esclarecida de Cabral estimulavam seus auxiliares e a antiga estrebaria da Fazenda Assis Brasil foi transformada uma unidade acadêmica altamente produtiva. Tudo isso se perdeu com a implantação da Reforma Universitária (1970). É claro que a preservação de uma estrutura atípica não representaria problema algum para o funcionamento da administração e tampouco impediria o sucesso da reforma,

mas houve uma certa má-vontade ou falta de imaginação para se encontrar uma solução mais adequada e mais parcimoniosa. O prof. Cabral havia colecionado alguns inimigos, em razão de sua índole geniosa, e, infelizmente, até dentro das universidades é preciso um certo “jogo de cintura” para que projetos interessantes sejam levados adiante.

O Museu Universitário começou a se distanciar da pesquisa original, os laboratórios cederam espaço para exposição de peças e, ao invés de atrair pesquisadores do Brasil e do exterior, ele se transformou em local de visitaçã para alunos de 1º e 2º graus. Não existe nada de errado em relação às exposições do acervo antropológico e o lazer cultural oferecido aos alunos de escolas básicas, mas as pesquisas arqueológicas e o setor de antropologia física deveriam ser preservados. A mudança dos rumos também ocasionou perda de substância, como a supervalorização da cultura açoriana. Com efeito, muitos artefatos em exposição não são exclusivos dessa cultura, como os engenhos de farinha, os quais são facilmente encontráveis ainda em funcionamento em Minas Gerais e nos estados do nordeste.

A obra do artista plástico Franklin Cascaes é destaque no acervo do Museu Universitário, mas ela revela um modo particular de interpretação dos elementos da cultura açoriana. Ela é valiosa e atrai muitos visitantes, mas a exploração exagerada de sua obra transformou o Desterro em “ilha da magia”, local povoado por bruxas e criaturas fantásticas. Essas mulheres padeciam de graves enfermidades mentais (*e.g.*, esquizofrenia e formas variadas de psicose) e eram severamente perseguidas pelos tribunais da Santa Inquisição – morriam na fogueira ou eram apedrejadas, diferentemente do romantismo que alguns têm sobre essas infelizes. A valorização da herança cultural e a interpretação particular de certos aspectos do açorianismo, do ponto de vista artístico, melhora a nossa auto-estima e abre as portas à exploração do turismo cultural, mas é importante que a exatidão dos fatos seja preservada.

Os críticos do Cabral

O prof. Cabral foi um intelectual arrojado e bastante original, mas a sua obra não é valorizada como deveria. A injustiça é explicada, pelo menos parcialmente, em razão de seu conservadorismo e a estreita ligação com personalidades da Igreja Católica. Devemos adicionar nessa equação o fato de que ele era possuidor de um temperamento difícil e colecionara muitos inimigos ao longo da vida. Entretanto, o problema não reside em suas idéias,

mas reside na indolência daqueles que não buscam conhecer melhor as suas idéias ou buscam explicações mais de acordo com suas crenças ideológicas. Cabral era um “homem de família”, assistia às missas regularmente, dava consultas médicas gratuitas aos necessitados e reservava uma parte de seu descanso dominical para os passeios com o neto improvisado (Alexandre, o filho de sua sobrinha Sara). Ele foi um ilustre representante do pensamento conservador, mas muitos consideram o adjetivo um grave insulto.

Alguns mencionam depreciativamente o conservadorismo de Cabral, como se isso fosse uma falha de caráter ou algo que deva ser camuflado com linguajar de vanguarda. O adjetivo conservador é mal utilizado no ambiente universitário, pois geralmente está associado a algo ultrapassado, anacrônico e desatualizado ou é utilizado para depreciar uma pessoa supostamente refratária aos hábitos da vida contemporânea. Muitos intelectuais brilhantes foram pespegados com o adjetivo, parecendo que “conservadorismo” é uma dificuldade cognitiva que impede a pessoa de vislumbrar o caminho ideal a ser trilhado pela humanidade. Entretanto, muitas vezes o conservador é apenas uma pessoa que segue fielmente certos princípios éticos e morais ou é alguém que cultiva suas próprias idéias e que tem aversão aos modismos, flagelos que enriquecem a pasmeira reinante no ambiente universitário.

As injustiças e comentários depreciativos surgem ou desaparecem com o tempo, pois o distanciamento temporal permite que as idéias de um intelectual possam ser examinadas com isenção. Os injustiçados podem ser elevados ao panteão dos luminares, mas a passagem do tempo às vezes transforma sábios modernos em meros repetidores de idéias alheias e antigas ou, pior ainda, o exame mais atento de suas obras pode revelar que o intelectual brilhante era parente próximo do comendador Pacheco! Os jovens tendem a valorizar excessivamente as novidades, ao mesmo tempo que fogem das coisas antigas – tudo o que é “moderno” é bom, tudo o que é “antigo” traz o mofo da história e é ultrapassado.

Outros críticos depreciam a obra do lagunense, em razão de seu estilo e prosa agradável. É incrível, mas alguns entendem que o texto acadêmico deva ser o mais hermético possível ou que a falta de elegância é a maior virtude da linguagem científica. Trata-se de um enorme equívoco. Grandes nomes da antropologia e da historiografia atraem leitores variados, pois suas obras são lidas como se fossem romances – *e.g.*, “Os sertões: campanha de Canudos” (1902) e “Casa grande & senzala” (1932).

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

Esses críticos postulam que a prosa do prof. Cabral ou a sua fixação em personagens e eventos pitorescos seriam mais representativos dos ofícios de um “cronista do passado”, não de um historiador profundo e analítico. Puro preconceito.

O uso de várias referências bibliográficas, em diferentes idiomas (inglês, francês, espanhol ou italiano), revela um autor atualizado e preocupado com formulação de idéias consistentes, diferentemente dos textos antigos que são extremamente parcimoniosos no uso desses recursos e que se restringem ao universo das idéias escritas no idioma português. O prof. Cabral desbravou sozinho diversos campos de conhecimento, feito que é bastante notável se imaginamos que ele não dispunha de serviços de reprografia, processador de texto e biblioteca *online* (*Google*, *Wikipedia* e o portal de periódicos da CAPES). O intelectual atual vive num mundo confortável, muito diferente daquele em que vivia o ilustre lagunense.

O valor de uma obra reside nas explicações originais, independentemente de seu estilo. Mesmo que os livros do prof. Cabral tenham alguma coisa de controvertido, ele influenciou inúmeros historiadores e a sua fecundidade intelectual abriu as portas para novas linhas de pesquisa (ver MEIRINHO, 2005). Ele era um historiador de fato ou simples cronista? Mesmo que fosse um cronista, o valor de sua obra não diminuiu com o tempo. Lembremos o que fizera Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central, com as crônicas de Machado de Assis (“Economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista”, 2007). As crônicas foram publicadas nos jornais da época (1883-1900) e revelavam que o escritor tinha uma compreensão sofisticada sobre a economia de mercado, sem contar que elas revelam os hábitos dos antigos moradores do Rio de Janeiro.

O prof. Cabral ressaltou a sua luta para implantar uma mentalidade puramente científica entre seus alunos e colaboradores, afastando-os do cabotinismo e de “todas as vantagens do charlatanismo” (CABRAL, 2005), mas parece que ele foi vítima dos modismos e da sedução do discurso “politicamente correto”. A produção intelectual é mais direcionada às críticas sociais, mas geralmente elas emergem nos gabinetes de trabalho ou resultam de tertúlias entre os pares, quando estes se encontram nos congressos ou são convocados para exames de teses acadêmicas. Os pares facilmente se reconhecem pelo uso de uma linguagem especializada ou quando as idéias são alimentadas mutuamente em encontros amigáveis.

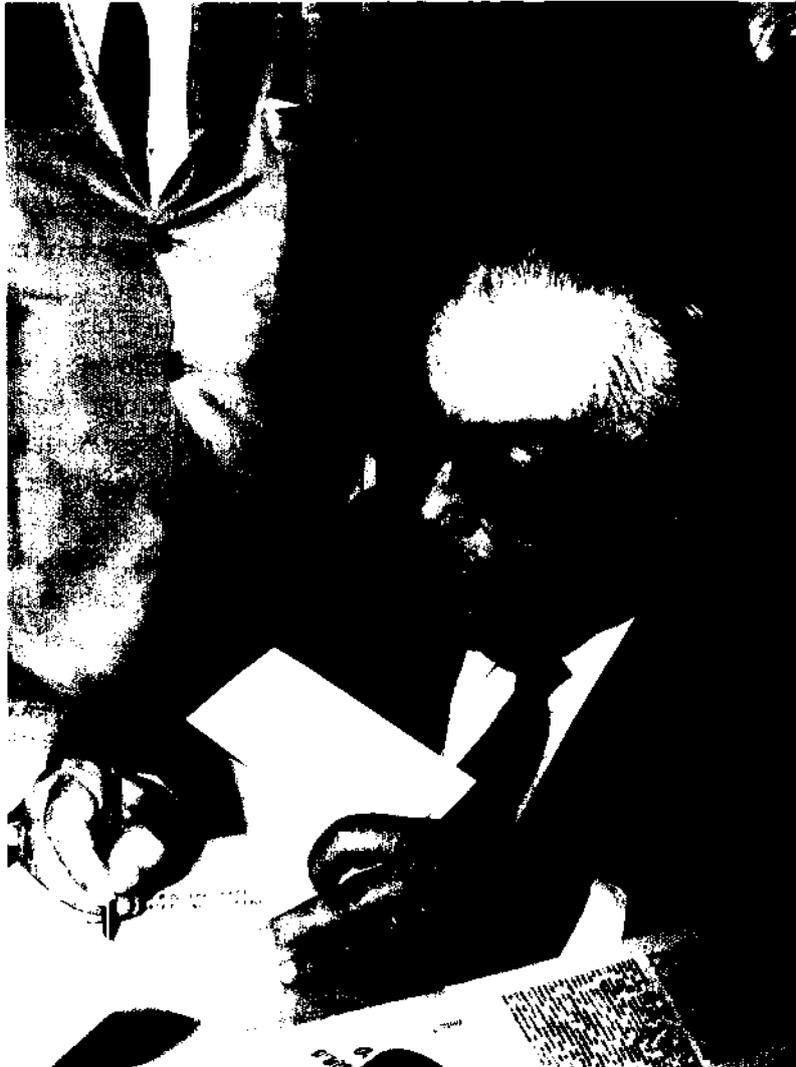


Figura 4

Sessão de autógrafos por ocasião do lançamento do livro
“Nossa Senhora do Desterro” (1972).

O discurso “politicamente correto” muitas vezes é um recurso que esconde a falta de idéias originais ou é uma camuflagem útil àqueles que se acovardam diante das pressões exercidas pelos seus pares. No que diz respeito ao estilo literário, bons escritores sabem muito bem que o sucesso advém de uma prosa simples (não simplista, que ofende a inteligência do leitor),

parcimoniosa e elucidativa – é a arte de dizer muitas coisas com poucas palavras, não dizer pouco com muitas palavras. A linguagem rebuscada dos intelectuais pós-modernistas foi severamente denunciada num artigo publicado em *Social Text*, periódico dos EUA reverenciado pelos seguidores das idéias de Jacques Lacan, Gilles Deleuze ou Felix Guatari, luminares do estilo pós-modernista.

O artigo tinha um título estapafúrdio (*Transgressing the boundaries: Toward a transformative hermeneutics of quantum gravity*) e vinha recheado de citações de medalhões da França e EUA; o autor abusara dos conceitos da matemática e da física quântica, pois eles não tinham conexão alguma e revelavam uma incompreensão dos conceitos. Após a publicação do artigo, o autor declarou que se tratava de uma fraude grosseira e que o seu propósito era denunciar a inconsistência do relativismo pós-modernista e a impostura dos intelectuais que escondem a mediocridade por detrás de uma linguagem rebuscada e hermética (SOKAL & BRICMONT, 1998). Alguns expõem suas idéias pensando nos aplausos, mas os intelectuais verdadeiros apreciam as críticas, pois elas permitem a reformulação das idéias. Dependendo de onde elas vêm, críticas desairosas podem ser até elogios. Coisas da academia.

Os últimos anos

O Instituto de Antropologia teve vida curta e se transformou em algo diferente do imaginado pelo seu criador. A antiga unidade atraía pesquisadores de renome internacional e tinha autonomia para firmar convênios e estabelecer o seu próprio modo de funcionamento. A mudança foi radical e teve efeitos negativos, muitos dos quais persistem até os dias atuais. Com efeito, os pesquisadores foram espalhados pelos novos departamentos, linhas de pesquisa foram interrompidas ou perderam importância e, uma vez que a natureza tem “horror ao vácuo”, a unidade se amoldou a uma nova rotina administrativa. Os piores efeitos da mudança se manifestaram na alma de seu criador.

A partir das deliberações do Conselho Universitário, Cabral passou a despender mais tempo enclausurado em sua vasta biblioteca, só vindo à UFSC para o cumprimento de sua agenda professoral. Como disse um amigo que enfrentara situação semelhante, ele encaramujou-se.

O instituto fora salvo graças a uma nova designação e passou a ser freqüentado por um público razoavelmente numeroso, mas os professores não tinham treinamento ou interesse nas novas funções. Eles foram abrigados no novo Departamento de Sociologia e a convivência harmônica com os novos colegas veio com o tempo. Essas unidades tinham pouca autonomia e a mentalidade da época desconhecia a importância da pesquisa básica e original – lugar de professor é a sala de aula!

O prof. Cabral ficou decepcionado com os novos rumos tomados pela universidade e, com efeito, os anos já lhe pesavam nas costas. Ele solicita uma licença e se aposenta logo em seguida. Como reconhecimento às notáveis contribuições, o Conselho Universitário lhe concede o título de Professor Emérito (Res. 016/1974) e o antigo Instituto de Antropologia passou a ser designado “Museu Universitário prof. Oswaldo Rodrigues Cabral”. No discurso proferido durante a solenidade de outorga do título Professor Emérito, Cabral relembra os cinquenta e cinco anos dedicados ao ensino. Ele sente falta da vida acadêmica e a saudade da cátedra é derivada de seu “irresistível pendor e da incontida tendência que desde a juventude (o) impeliram para o magistério” (CABRAL, 2005; p. 56).

O velho combatente se sentia desanimado, cansado e com falta de ar no final da vida. Ele havia se submetido a um eletrocardiograma e um problema cardíaco foi *detectado*, mas ele não mostrou a ninguém da família os resultados. No dia 17 de Fevereiro de 1978, ele sofreu um infarto no centro da cidade, quando chegara de um velório. Ele era médico e sabia exatamente o que estava se passando com seu corpo. Um táxi foi chamado e Cabral é internado na UTI do Hospital Celso Ramos, onde morre em consequência de um segundo infarto. O seu corpo é velado por familiares e amigos e hoje repousa no Cemitério da Irmandade do Senhor dos Passos. O trágico episódio foi anunciado nos jornais locais e nos principais centros urbanos do país.

As obras do prof. Cabral continuam sendo reeditadas e os quatro volumes de “História da política em Santa Catarina durante o império” (2004) foram publicados *postmortem*, graças aos esforços de Sara Regina Poyares dos Reis, cuidadosa sobrinha e historiadora de luz própria. Alguns usam adjetivos variados para explicar a sua personalidade complexa (*i.e.*, ranzinza, briguento, temperamental...), mas um de seus amigos adicionou outros: “espírito cintilante, diversificado talento, grande figura humana” (UNGARETTI, 2005; p. 29). O seu nome também é utilizado para designar dois logradouros: “avenida Oswaldo Rodrigues Cabral”

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

(início da Beiramar Norte, na capital) e “rua Oswaldo Cabral” (Laguna/SC, sua terra natal). Duas escolas também preservam a sua memória: “Escola de Educação Básica Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral” (São José/SC) e a “Escola Municipal Prof. Oswaldo Cabral” (Joinville/SC). O acervo documental de Florianópolis é preservado no “Arquivo Histórico Municipal Professor Oswaldo Rodrigues Cabral”.

Agradecimentos

A versão preliminar desse texto foi examinada pelos três personagens que manifestaram opinião sobre a vida do prof. Oswaldo Cabral; algumas modificações foram realizadas, em consonância com seus comentários. Outros colegas tiveram oportunidade de ler a versão preliminar, de modo que algumas falhas foram corrigidas e certos detalhes foram incorporados ao texto. Os agradecimentos são dirigidos aos professores Arno Blass (Departamento de Engenharia Mecânica/UFSC), José Baus (Departamento de Psicologia/UFSC) e Silvio Coelho dos Santos (Departamento de Antropologia/UFSC), que, desafortunadamente, veio a falecer (26 de Outubro de 2008) no final da elaboração deste texto. Um agradecimento especial é dirigido à Kaio Domingues Hoffmann, ex-orientando do Prof. Silvio Coelho – ele havia colecionado vários documentos e artigos de jornais sobre Oswaldo Cabral e gentilmente cedeu a papelada ao editor de RCH.

Referências bibliográficas

BARKER, R. Sources for Lusitanian shipbuilding. *Proceedings of the International Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships of Iberian-Atlantic Tradition*, September: 213-28, 1998.

BARRETT, M.P. The rise and fall of sleeping sickness. *Lancet*, 367: 1377-78, 2006.

BRAGA, T. *História da Universidade de Coimbra* (4 volumes). Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892-1902.

CABRAL, O.R. *Medicina, médicos e charlatães do passado*. Florianópolis: Departamento Estadual de Estatística, 1942.

CABRAL, O.R. *Terra da liberdade*. Curitiba: Editora Guairá Ltda., 1944.

CABRAL, O.R. *Cultura e folclore*. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore, 1954.

CABRAL, O.R. *A medicina teológica e as benzeduras*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958.

CABRAL, O.R. *João Maria*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1960.

CABRAL, O.R. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1979.

CABRAL, O.R. *Discurso de recebimento do título de Professor Emérito da UFSC (1974)*. Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. Série Ensaio 2: p. 55-61, 2005.

CASCUDO, L. DA C. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1954.

COSTA, C. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1956.

DANTAS, J. A era manuelina. Em: C.M. Dias (coordenador). *História da colonização portuguesa no Brasil* (volume I, pp. 1-25). Rio de Janeiro: Sociedade Editora da História da Colonização Portuguesa do Brasil, 1921.

DA SILVA, L.P. A arte de navegar dos portugueses. Em: C.M. Dias (coordenador). *História da colonização portuguesa no Brasil* (volume I, pp. 27-104). Rio de Janeiro: Sociedade Editora da História da Colonização Portuguesa do Brasil, 1921.

DE SOUZA, S.R.S. *A presença portuguesa na arquitetura da ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: FCC Edições, 1981.

DE SOUZA, S.R.S. *Oswaldo Cabral – páginas de um livro de memórias*. Florianópolis: EdUFSC e UDESC, 1993.

DOS REIS, S.R.S. *História de minha rua – memória da Rua Esteves Junior*. Florianópolis: Edição do autor, 2005.

DOS SANTOS, S.C. *Homenagem pelos 100 anos de nascimento*. Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. Série Ensaio 2: p. 13-24, 2005.

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

DOS SANTOS, S.C. Memórias Universitárias. *Revista de Ciências Humanas*, 39: 9-35, 2006.

DOS SANTOS, S.C. Depoimentos de diretores. UFSC: Museu Universitário 30 anos: 15-18, 1995.

DOYLE, A.C. *Memórias e aventuras*. São Paulo: Marco Zero, 1993.

EDMUNDO, L. *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1932.

FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1936.

HOBBSAWM, E. *Tempos interessantes*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

KENNEDY, P.G.E. Diagnosing central nervous system trypanosomiasis: two stage or not to stage? *Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene*, 102: 306-07, 2008.

KIDDER, D.P. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do sul do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.

KRISHNA, S. & STICH, A. Trypanosomiasis: African and American. *Medicine*, 33(8): 50-53, 2005.

LUOBA, A.I.; GEISLER, P.W.; ESTAMBALE, B.; OUMA, J.H.; MAGNUSSEN, P.; ALUSALA, D.; AYAH, R.; MWANIKI, D. & FRIIS, H. Geophagy among pregnant and lactating women in Bondo district, western Kenya. *Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene*, 98: 734-41, 2004.

MEIRINHO, J. *Oswaldo Rodrigues Cabral na historiografia catarinense*. Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. Série Ensaio 2: p. 31-53, 2005.

PRINCE, R.J.; LUOBA, A.I.; ADHIAMBO, P; NG'UONO, J. & GEISLER, P.W. Geophagy is common among Luo women in western Kenya. *Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene*, 93: 515-16, 1999.

SOKAL, A. & BRICMONT, J. *Fashionable nonsense – postmodern intellectuals' abuse of science*. Nova York: Picador USA, 1998.

UNGARETTI, N.U. *Homenagem na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina*. Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. Série Ensaios 2: p. 27-30, 2005.

VON MARTIUS, K.F.P. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1939.

WELBURN, S.C.; FÈVRE, E.M.; COLEMAN, P.G.; ODIIT, M. & MAU-
DLIN, I. Sleeping sickness: a tale of two diseases. *TRENDS in Parasitology*, 17(1): 19-24, 2001.

Saudades de Cabral

Sara Regina Poyares dos Reis

É a sobrinha de Oswaldo Cabral, filha de uma irmã de D. Olívia, a esposa. Os pais se separaram quando ela era pequena, de modo que Sara e a sua mãe foram morar na casa do prof. Cabral. A proximidade e o longo convívio transformaram a sobrinha em filha adotiva e, mais tarde, herdeira intelectual do patrimônio do ilustre catarinense. Sara é autora de vários livros, é professora aposentada do Departamento de História da UFSC; ela é uma das fundadoras da Comissão do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Florianópolis e, atualmente, distribui o seu tempo entre conferências e publicação de livros e ensaios. Com o falecimento do tio, a sobrinha se torna herdeira de sua biblioteca. Ao penetrar no vasto e desconhecido terreno, ela se depara com um volume de páginas datilografadas, tendo na capa o título “Páginas de um livro de memórias”; era o esboço de uma autobiografia inacabada. O documento continha informações preciosas e a sobrinha sentiu-se impelida a levar adiante a tarefa, finalizando-a com a publicação de um inusitado híbrido literário – uma autobiografia que encontra sustentação nos comentários da sobrinha. A obra lança luzes sobre a formação intelectual, o relacionamento difícil com os padres jesuítas e, é claro, revela os traços da complexa personalidade do prof. Cabral. Ficamos sabendo que ele era uma pessoa que não “levava desaforo para casa”, mas em casa o gênio irascível cedia lugar a uma pessoa extremamente afável e atenciosa em relação à esposa. Cabral pintava aquarelas, construía poemas delicados e não economizava mimos à sobrinha. Seus comentários sobre o seu tio seguem abaixo:

RCH – Várias pessoas que conviveram com Cabral descrevem-no como uma pessoa brilhante e de temperamento difícil. Como a sobrinha diletta descreve o personagem?

Sara – Meu tio era uma pessoa geniosa e todos reconhecem isso; era um tipo certinho, correto e suas ações eram movidas por critérios éticos. Ele foi a pessoa mais brilhante que eu conheci -- é claro que outros poderiam suplantar a sua inteligência, mas, no meu universo de relacionamento, ele era uma mente excepcional. Meu tio era muito metódico e disciplinado. Ele acordava muito cedo, às 6:00h ou antes do nascer do Sol, tomava café e adorava ficar de pijama ou de bermuda, de acordo com o tempo, quando iniciava a sua jornada de trabalho. Ele almoçava por volta das 11:30h, tirava uma soneca -- ai de quem o importunasse em seu repouso! -- e retornava ao seu escritório geralmente às 13:30h; ele se recolhia ao sono muito cedo, geralmente às 21 ou 22h. A jornada tinha duração variável, mas era encerrada após o desgaste da ponta do 11º lápis, algo que geralmente ocorria por volta das 16:00h.

RCH – A revolução digital é algo recente e o prof. Cabral não dispunha de Internet e tampouco biblioteca *online*. Como era a sua rotina de trabalho?

Sara – Ele anotava suas idéias nos seus apontamentos de pesquisa, abrangendo comentários sobre matérias publicadas em jornais antigos ou registros de temas que seriam posteriormente explorados. As anotações eram feitas com uma letra miúda e elegante -- eu mesma utilizei esses registros em minhas pesquisas. Cabral era meio excêntrico e eu nunca soube as razões para a sua mania em relação aos lápis (número 1 e todos pretos); ele apontava-os com uma gilete e só encerrava a jornada intelectual após ter gastado a ponta do 11º lápis. Ele comprava pilhas e mais pilhas de lápis e descartava-os pela metade, pois, eu imagino, o tamanho não lhe era convidativo ao manuseio. A sua jornada de trabalho era longa e, na minha meninice, eu era proibida de perturbá-lo -- ele dizia que eu era “bagunceira”. Após a morte de meu tio e já adulta, ao remexer em suas gavetas eu fiquei surpresa ao constatar que ele escrevera um livro de poesia, um lado de sua personalidade que muitos amigos desconheciam. O livro foi ilustrado por ele mesmo e foi escrito a mão, com a sua letra elegante e miúda; as poesias revelam o lado romântico e o amor de meu tio à D. Olívia; para preservar o lado poético de meu tio, eu mandei encadernar o livro. De modo geral, ele era uma pessoa muito preocupada com a correção das coisas, mas um excelente contador de piadas e de espírito gozador. Aos sábados, de manhã, ele saía com meu filho para comprar carrinhos de brinquedo.

RCH – Alguns intelectuais fazem uma acusação grave a respeito de seu tio, informando que ele era racista. O que v. tem a dizer sobre isso?

Sara – Alguns historiadores caçam palavras nos textos publicados ou enveredam pela “imprensa marrom”, sem os devidos cuidados com a precisão e a memória das pessoas. Meu tio nunca foi racista, mas um estudioso da cultura negra; as pessoas que conviveram com ele reconhecem que ele não tinha nada de racista, até porque a sua formação católica e a convivência com os negros impediam tais sentimentos. Ele tinha amigos negros, admirava as crônicas de João do Rio (1881-1921) e eu brincava com crianças negras, as quais freqüentavam livremente a minha casa. Quando eu tinha quatro anos, Adão, um negrinho de doze anos, foi designado a ser meu pajem. Como isso seria possível, caso Cabral fosse racista? Muitos pesquisadores que escreveram sobre a cultura negra foram acusados de racistas, tal como ocorrera com alguns que examinaram apressadamente a obra de meu tio.

RCH – O livro de memórias descreve o ensino no Ginásio Santa Catarina (o atual Colégio Catarinense) e deixa transparecer uma insatisfação com o sistema disciplinar implantado pelos padres jesuítas. V. acha que isso influenciou a personalidade de Cabral?

Sara – Meu tio reclamava muito da rigorosa disciplina imposta pelos padres, pois lá existiam castigos físicos, os alunos tinham que obedecer a horários para tudo e meu tio não se adaptou ao sistema; ele passava o dia inteiro na escola (semi-internato), só retornando para casa à noite. Entretanto, ele teve grandes amigos jesuítas, entre os quais o padre João Alfredo Rohr (1908-84), um dos pioneiros da arqueologia no Brasil e que freqüentava a nossa casa; ele foi católico praticante, assistia às missas e nunca se desviou de sua fé. Muitas escolas do interior de Santa Catarina aplicavam castigos físicos aos alunos (eram surrados com palmatória ou tinham que se ajoelhar sobre grãos de milho por longos períodos) e evitavam abordar qualquer assunto relacionado ao sexo, sem que tivessem alguma conexão com os padres jesuítas. Isso era comum no sistema pedagógico da época. Os jesuítas do início do século eram alemães ou austríacos; eles não brincavam em serviço, mas tinham vasta cultura, eram membros importantes da sociedade e oriundos das melhores famílias. Meu tio sabia discernir bem as coisas, de modo que os comentários depreciativos eram dirigidos a alguns professores, homens rudes que não tinham nenhum tato para lidar com a rebeldia das crianças.

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

Numa de minhas conferências no Instituto Histórico, eu elogiei bastante o padre Rohr, ressaltando o valor que ele dava à ciência e cultura – ele tinha um enorme orquidário, ensinava evolução aos alunos, organizava expedições arqueológicas. Ele era um cientista e deixou um vasto legado ao povo catarinense.

RCH – Depoimentos dos amigos revelam que Cabral viveu amargurado os últimos anos de sua vida. O que pesava na alma do Cabral?

Sara – O meu tio não discutia esse assunto abertamente dentro de casa, mas eu tenho certeza que ele ficou bastante decepcionado com a transformação do Instituto de Antropologia num museu; ele não queria isso, mas fora pressionado pela administração da UFSC a aceitar a medida. O instituto tinha um espaço dedicado à exposição de peças arqueológicas ao público, mas não era essa a sua função principal. O museu acabou virando um ponto de referência para a cultura açoriana, somente com o intuito de atrair visitantes. A ligação com a cultura da ilha dos Açores é forçada ou inexistente, pois a arquitetura da região é basicamente de pedra e os artefatos em exposição (engenhos e utensílios domésticos) não são exclusivos das ilhas dos Açores ou sofreram adaptação local. Outro exagero foi a transformação da ilha num local povoado de bruxas! Essas falhas são terríveis, pois o Museu Universitário é freqüentado diariamente por crianças de escolas de 1º e 2º graus e, dessa forma, estamos ensinando coisas erradas às crianças. O meu tio criou uma instituição que privilegiava o encontro de cientistas do Brasil e exterior, um centro de pesquisa de fato. O Instituto de Antropologia era visitado por cientistas de renome, como Clifford Evans, Beth Meagler, Egon Schaden, pessoas que eu tive satisfação de conhecer pessoalmente. Foi nesse ambiente que seus antigos colaboradores tiveram o treinamento para se tornarem membros conhecidos da comunidade acadêmica. A transformação do instituto em museu prejudicou muito a pesquisa e até hoje pesquisadores sérios lutam para retomar os rumos delineados por Cabral.

Norberto Ulyseu Ungaretti

É o amigo que conviveu durante muitos anos com Cabral. Os dois são naturais de Laguna, as duas famílias se conheciam e a longa convivência deu surgimento a uma grande amizade. Ele é desembargador aposentado do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, foi professor do Centro de Ciências Jurídicas (UFSC) e da Escola Superior da Magistratura de Santa Catarina.

Tal como o prof. Cabral, Ungaretti é dono de talentos múltiplos, pois ele exerce a advocacia, desempenhou importantes cargos no governo estadual, formou uma legião de alunos na UFSC e o seu interesse pela história de Santa Catarina deu surgimento a ensaios interessantes sobre Anita Garibaldi e de sua cidade; ele é autor do livro “Laguna: um pouco do passado” (2002). Ele também é membro de duas agremiações culturais, a Academia Catarinense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. O seu nome foi homenageado numa coletânea de textos: “Direito e processo – Estudos em homenagem ao Desembargador Norberto Ungaretti”, coordenada por Pedro Manoel Abreu e Pedro M. de Oliveira (2007).

RCH – Como v. conheceu o prof. Cabral?

Ungaretti – Eu sou natural de Laguna, como Cabral, e nossas famílias eram amigas. Minha mãe fora sua colega de turma na antiga Escola Normal Catarinense, em 1919. Além disso, ele foi Deputado por Laguna, onde residi até 1956, quando vim para Florianópolis. Muito mais tarde, nossa amizade se estreitou porque passei a residir na Rua Almirante Lamago, próxima à sua casa, que era na Rua Esteves Júnior. Eu o visitava sempre e ele algumas vezes também me visitou. Meu interesse por história, embora minha formação acadêmica seja na área do Direito, criou entre nós uma amizade que só a morte interrompeu. A seu pedido, li os originais da sua maior obra, “Nossa Senhora do Desterro”. Lá estou mencionado algumas vezes, por conta de informações que lhe passei, fruto de pesquisas principalmente em jornais antigos.

RCH – Como v. descreve o amigo?

Ungaretti – Oswaldo Cabral era muito inteligente, possuidor de vasta cultura e incrível agilidade mental. Era espirituoso, excelente *causeur*, pelo que dominava a palestra onde quer que estivesse, sempre com encanto para seus ouvintes. Escrevia quase como falava. Ainda hoje, relendo alguns livros seus, acho graça em algumas passagens e alguns comentários, feitos frequentemente com sinceridade e coragem não habituais em trabalhos do gênero. Não escondia suas opiniões, às vezes demolidoras. Era do seu temperamento. Não foi historiador de estatísticas, análises sócio-econômicas, etc. Esta relevante função do historiador, ele deixava para outros. Seu material de trabalho era gente, era o povo, eram as pessoas com seus dramas, suas histórias, suas vidas gloriosas ou obscuras, seus sofrimentos,

Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante

sua interação com o meio em que viviam. O bom humor e a ironia perpassavam comumente pelos seus textos. Um exemplo: ao informar (em “Nossa Senhora do Desterro”), sobre o costume de, ao final das missas de sétimo dia, os amigos do morto usarem da palavra para louvarem o falecido, anota que as famílias, assim, sofriam duplamente: a dor da perda e os longos e repetitivos discursos...

RCH – Alguns descrevem que ele era uma pessoa conservadora e de temperamento difícil, mas os amigos e admiradores relatam seu bom humor e generosidade no trato com as pessoas. Qual a sua opinião sobre essa aparente contradição?

Ungaretti – O que é ser conservador? Dependendo do que se quer conservar, pode ser um mal ou pode ser um bem... Cabral era um homem fiel a seus princípios e convicções. Em religião, por exemplo. Católico praticante, não admitia algumas inovações. Certa vez, na Capela do Colégio Catarinense (defronte à sua casa), estava esperando o início da missa, quando passou uma jovem com um violão. Ele comentou: “ih!, hoje vamos ter *iê-iê-iê...*” A moça ouviu e o chamou de “quadrado”, mas, é claro, não ficou sem resposta, com a expressa ressalva de que outra seria se não estivessem numa Igreja... Cabral dizia que a música nas celebrações católicas devia ser tocada em órgão, pois violão é para serenata. Quanto ao temperamento difícil, é verdade. Todos os que o conheceram sabem disso. Entretanto, teve muitos e grandes amigos, foi admirado e estimado por muita gente. Era um homem educado, cortês, atencioso, perfeitamente ajustado aos padrões de comportamento social e individual vigentes no seu tempo, embora reagisse às vezes irrefletidamente a determinadas situações no relacionamento com os outros. Mas nunca foi falso nem hipócrita, ainda que, em alguns episódios e na formulação de certos juízos de valor, pudesse ter sido injusto.

RCH – Qual o impacto de sua obra no cenário atual?

Ungaretti – Quem, hoje, escrever sobre o passado catarinense, dificilmente conseguirá passar ao largo da vasta e diversificada produção de Oswaldo Cabral, as milhares de páginas que escreveu e publicou sobre história, antropologia, medicina legal, folclore. Tem sido muito copiado e reproduzido, e continuará a ser. Foi um historiador conhecido nacionalmente e até internacionalmente. Certa vez esteve aqui o prof. Marcello Caetano, ex-primeiro ministro de Portugal e autoridade mundialmente reconhecida em direito administrativo.

Na conferência que proferiu em Florianópolis, em determinado momento citou Oswaldo Cabral, a propósito da organização judiciária e administrativa do Brasil colonial. Ficou muito surpreso quando, depois da conferência, foi informado de que o referido autor ainda vivia e residia em Florianópolis. Elogiou muito sua obra e disse que ela era estudada em Portugal. A importância desta obra aumenta com a passagem do tempo, porque traz subsídios, informações e pesquisas em boa parte fora do alcance dos contemporâneos, pelo desaparecimento físico de muitas fontes utilizadas, além de que ela própria já é história e já faz história.

RCH – Ele deixou uma obra vasta e abrangente, o que causa surpresa se imaginamos os recursos tecnológicos disponíveis naquele tempo. Como o intelectual trabalhava?

Ungaretti – Cabral era um homem muito aberto às novidades tecnológicas. A última que ele alcançou (morreu há 31 anos, é bom lembrar) foi a máquina de escrever elétrica. Logo adquiriu uma, e nela datilografava seus textos. Não havia nenhum dos modernos meios reprográficos. Computador, nem pensar. Pesquisas, só de lápis em punho, e lupa... Preencheu dezenas e dezenas de pequenos cadernos, com transcrição de notícias e apontamentos colhidos em jornais, registros eclesiásticos e outros documentos antigos. Contou, para tanto, com a valiosa e paciente colaboração de sua esposa, d. Olívia Ramalho Cabral. E, no mais, era sua prodigiosa memória que lhe prestava o maior auxílio. Tinha uma extraordinária capacidade de trabalho. Era metódico, organizado, disciplinado, e só assim conseguiu produzir tanto. É bom lembrar que frequentou outras áreas de interesse intelectual além da história e de outras pelas quais se tornou mais conhecido. Publicou um interessante trabalho sob o título “Da Idade”, com que concorreu à cátedra de Medicina Legal na antiga Faculdade de Direito de Santa Catarina. Contou-me que tinha em preparo um estudo sobre o humor. Sua última produção, que não chegou a ver publicada, mas que foi completada com grande competência por sua sobrinha profa. Sara Regina Poyares dos Reis, foi a “História da política de Santa Catarina no Império”, aparecida em 2004. Notável! São quatro volumes e não só sobre a política regional, também sobre a política nacional. Mas apenas no período do Império. Oswaldo Cabral não quis ser um historiador da República. Seu limite foi o final do século XIX.

RCH – Alguns intelectuais depreciam a obra do prof. Cabral, ora ressaltando que seus textos têm mais valor literário do que científico, ora apontando um racismo implícito. Qual é a sua opinião sobre esse assunto?

Ungaretti – Cabral escrevia bem, tinha uma linguagem viva, sabia descrever coisas, fatos, paisagens, imprimia sentimento aos seus textos, quando isto se fazia cabível. Chegava a emocionar o leitor, em certas passagens, como, por exemplo, quando, ao falar sobre a mais tradicional festa religiosa de Santa Catarina, descreveu a parada da imagem do Senhor dos Passos, na trasladação noturna, em frente à cadeia pública, localizada nos porões da antiga Câmara Municipal de Florianópolis, com os infelizes acendendo seus tocos de vela e estendo as mãos em comovedora súplica. De todos os nossos historiadores, do passado e do presente, foi o que teve o estilo mais vibrante, mais palpitante, foi o que mais fez literatura fazendo preponderantemente história. Ora, isto é uma virtude, não um defeito. Quanto a valor científico, creio que não se lhe pode recusar à obra de Oswaldo Cabral, bastando ver que as teses universitárias sobre história de Santa Catarina, na absoluta maioria, o incluem entre os autores consultados. Porque não teria valor científico? No que se refere a racismo, nunca notei nos seus trabalhos, assim como na sua conversa, qualquer coisa neste sentido. Ao contrário. Em sua maior obra, a monumental “Nossa Senhora do Deserto” (primeira edição em 1972, segunda em 1979), valoriza muito personagens negros, como Maria Baiana e Cruz e Souza, entre outros. Maria Baiana foi uma negra que se prestou voluntariamente a cuidar de doentes de varíola internados no Lazareto dos Ratoes, e lá contraiu a enfermidade que lhe custou a vida. Cabral disse que o nome dela deveria ser escrito em letras maiúsculas – e ele o fez em seu livro. Personagem até então ignorado entre nós, Maria Baiana, a partir da valorização que Cabral lhe conferiu, passou a ser conhecida, tendo inclusive merecido ter seu nome em uma rua do bairro Coqueiros, iniciativa do saudoso escritor e jornalista Norberto Silveira Júnior. Por outro lado, registrou a colaboração de muitas pessoas para a campanha abolicionista em Santa Catarina, inclusive fixando para a posteridade a atitude do modesto sapateiro que juntava os poucos ganhos de seu trabalho para comprar cartas de alforria para escravos, o Artista Bittencourt. Além disso, destacou em seu livro outros gestos e iniciativas na mesma linha de ação, dando o nome de seus autores e louvando-lhes a sensibilidade social e humana diante da tragédia e do inominável horror da escravidão.

Diante de tudo isto, como poderemos imaginar que ele fosse racista? O racismo discrimina, deprecia ou menospreza o valor de uma raça (vai aqui a palavra no seu sentido comum, que se confunde com etnia ou cor), mas isso não existe na obra nem tampouco existiu no coração de Oswaldo Cabral.

RCH – É possível que alguns comentários depreciativos sobre a personalidade e o estilo do prof. Cabral sejam conseqüências do espírito “politicamente correto” que atualmente predomina nas universidades. Qual é a sua impressão sobre isto?

Ungaretti – Cabral não tinha formação acadêmica em história. Por outro lado, sua obra não é panfletária, nem ideológica. Acresce que alcançou como historiador um renome que, entre nós, nenhum titulado da área conseguiu obter. São, pois, muitas circunstâncias a explicar resistências e restrições que se fazem à sua obra, limitadas, de resto, a poucas pessoas. Curioso observar que Oswaldo Cabral é o mais conhecido e o mais popular de todos os historiadores catarinenses. Quando se vê na nossa imprensa reportagens sobre coisas do passado, ou do presente, mas com remissão ao passado (carnaval, festas populares, etc.), nota-se que Cabral é quase sempre citado. Outro exemplo: o excelente cronista Sérgio da Costa Ramos, que ilustra há vários anos nossa imprensa diária, freqüentemente recorre ao mestre Cabral para referências e comparações com que sublinha seu gosto por falar de coisas antigas e tradições catarinenses e especialmente “manezinhas”. Oswaldo Cabral é passagem obrigatória no roteiro dos que visitam o passado catarinense. Escreveu sobre tudo. Foi uma das maiores figuras da inteligência catarinense e brasileira.

Carlos Humberto Pederneiras Correa

Um dos historiadores mais conhecidos da atualidade, autor de livros importantes, como “Os governantes de Santa Catarina de 1739 a 1982” (1983), “Um estado entre duas repúblicas” (1984), “Militares e civis num governo sem rumo” (1990) e “História da cultura catarinense – O estado e as idéias” (1997). Ele foi diretor do Museu de Arte de Santa Catarina (1963-69) e é o atual presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. O prof. Carlos Humberto também é correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e membro da Academia Catarinense de Letras.

Ele conviveu muitos anos com Oswaldo Cabral e é um dos fundadores do Departamento de História, da Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi professor titular até a sua aposentadoria.

RCH – Professor Carlos Humberto, como “nasceu” a intelectualidade catarinense?

Correa – A história da intelectualidade catarinense é muito antiga, mas os episódios mais importantes ocorreram logo após a proclamação da república (1889). Durante o governo de Hercílio Luz (1860-1924), o governador e o seu secretário de Justiça, José Arthur Boiteux (1865-1934), somaram esforços para a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (1896), instituição que aglutinou todos os intelectuais do nosso estado. As atividades desenvolvidas no IHGSC estimularam a criação da revista “Terra” (1920), que continha críticas e ensaios literários; foi a revista que motivou os intelectuais para a fundação da Academia Catarinense de Letras (1924). É importante ressaltar que a maior parte dos intelectuais pertencia ao Partido Republicano Catarinense e, embora ele tivesse subdivisões, era de seus quadros que saíam os deputados, senadores e governadores. José Boiteux pertencia ao Partido Republicano e foi o fundador do Instituto Polytechnico (1917), Academia Catarinense de Letras e Faculdade de Direito (1934) – ele criava as instituições, mas preferia deixar a administração aos encargos de auxiliares mais próximos. As dissensões dentro do Partido Republicano já existiam desde a época da criação da revista “Terra”, pois alguns intelectuais eram favoráveis ao governo, outros faziam oposição sistemática. A briga com o governador Hercílio Luz provoca o abandono dos Ramos do Partido Republicano (1920-22) e nessa época sobressaiam duas lideranças: Lauro Muller (1863-1926), líder nacional e que fora governador quatro vezes, mas que passava a maior parte do tempo no Rio de Janeiro, e Hercílio Luz que exercia a liderança local. Os opositores de Muller alegavam que ele não representava Santa Catarina, pois sempre preferia o mandato de senador (naqueles tempos os candidatos podiam concorrer simultaneamente aos cargos de deputado, senador e governador), dependendo mais tempo no Rio que em Santa Catarina. A deflagração da revolução de 1930 promove o esfacelamento de toda a intelectualidade que se encontrava aglutinada no Partido Republicano, pois surgem novos partidos e novas lideranças que se opunham aos antigos líderes.

Até 1934, os interventores eram gaúchos ou de Lages, os quais tinham ligações com o Rio Grande do Sul, mas a reconstituição política empreendida pelo presidente Getúlio Vargas abre um leque muito grande para novas agremiações políticas, dando origem a aproximadamente 15 pequenos partidos. Tudo isso acabou promovendo ainda mais o esfacelamento da intelectualidade catarinense. O governador Nereu Ramos (1888-1958), fundador e presidente do Partido Liberal Catarinense (1934), tinha bom relacionamento com os antigos intelectuais e conseguiu aglutinar alguns deles em torno de seu governo; não existia oposição durante o Estado Novo.

RCH – ...E o ressurgimento da vida intelectual?

Correa – A antiga intelectualidade permaneceu esfacelada até 1948, quando surgiu o movimento modernista em Santa Catarina, representado pelo grupo Sul. Os jovens modernistas haviam criado a revista “Sul” (1948) e estavam bem mais organizados, de modo que os antigos intelectuais quase foram atropelados pelos eventos da história catarinense. Para fazer uma espécie de contraponto ao modernismo, o IHGSC resolve realizar o I Congresso de História no estado (1948). O evento foi organizado por Henrique da Silva Fontes, presidente do IHGSC, e Cabral auxiliou bastante na organização. A idéia inicial era a realização de um congresso para comemorar os 200 anos da imigração açoriana (1748-1948), nada além disso. Até então nada havia sobre o assunto e até mesmo Portugal desconhecia a importância da cultura açoriana em Santa Catarina. Não existia nenhum estudo sobre o assunto e os documentos eram raros ou inexistentes, pois os emigrantes quase todos eram analfabetos e chegaram ao Brasil com a cara e a coragem. Muito diferente dos alemães que aqui se estabeleceram, os quais eram alfabetizados e contavam com suporte das autoridades governamentais, do Brasil e da Alemanha. O prof. Fontes convidou pesquisadores do Brasil e de Portugal, dando oportunidade para a primeira discussão sobre a cultura açoriana e o modo de se estudar a história. A década de 1950 foi muito importante, pois é o período de maior atividade do grupo Sul, surgem novos artistas plásticos e revistas de arte. A efervescência intelectual é interrompida na década seguinte, por ocasião da instalação de governos militares.

RCH – A realização do congresso contribuiu para a criação da Faculdade de Filosofia?

Correa – Os resultados do I Congresso de História foram surpreendentes, mas a aglutinação dos historiadores foi algo que surgiu espontaneamente. Atualmente, existe uma grande interação do IHGSC com universidades portuguesas e o Instituto Histórico dos Açores. Fontes convidou os professores da Universidade de São Paulo para o evento, o que enriqueceu bastante as discussões sobre temas variados. A USP foi criada em 1934 e seus professores tinham, graças ao intercâmbio com renomadas instituições da França, uma concepção bastante avançada sobre a história. As discussões foram importantes e foi o momento que se revelou a necessidade de implantação de cursos de História e Geografia em Santa Catarina. Foram essas discussões que deram origem à Faculdade Catarinense de Filosofia – ela foi criada em 1954, mas as idéias surgem em 1948 no I Congresso de História. Os anais do congresso deveriam ser publicados em dois volumes, mas, desafortunadamente, somente o 2º volume foi publicado. Os originais estavam depositados na Imprensa Oficial, quando houve um incêndio que transformou o 1º volume em cinzas. Mais ou menos em 1999 e quando já havíamos perdido as esperanças de localizar o material, a família do falecido prof. Fontes (1966) me telefona, anunciando que tinha os originais em seu poder e que se dispunha a colocar o material à disposição do IHGSC. Felizmente, esse material foi preservado para futuros estudos.

RCH – Qual foi a participação do prof. Cabral nesse evento?

Correa – A sua vocação de historiador emerge no I Congresso de História, trabalhando ao lado do prof. Fontes. Cabral escrevera “História de Santa Catarina” (1937) sem grandes pretensões, embora o livro tivesse sido publicado na prestigiosa coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional. Em seguida, ele assume na Faculdade de Filosofia a disciplina “Antropologia Cultural”, mas parece que a sua vocação de historiador nasce com a sua participação no congresso, onde ele apresenta um trabalho sobre a história da migração dos açorianos. A partir desse momento, ele passa a se dedicar intensivamente à história de Santa Catarina.

RCH – Como v. conheceu o prof. Cabral?

Correa – Eu me dava muito bem com ele, em razão do relacionamento de nossas famílias. Eu freqüentei muito a sua casa, pois ele era muito amigo de meu pai e fui seu aluno na Faculdade Catarinense de Filosofia.

Quando ocorreu a transferência para o campus da Trindade (1960), ele sempre me oferecia carona em seu Hudson e, desse modo, eu freqüentava bastante a sua casa. Quando eu me casei, a aproximação foi ainda maior, pois eu fixei residência na rua Bocaiúva, bem próximo à casa do Cabral, na rua Esteves Júnior – era um pulo. Nós nos encontrávamos na pracinha da rua Esteves Junior, ocasião em que conversávamos sobre assuntos variados. Cabral era uma pessoa muito engraçada e cativante. Os alunos o adoravam, pois suas aulas nada tinham de monótono; ele recheava as lições com tiradas anedóticas e qualquer piada contada por ele, por mais sem graça que fosse, se tornava engraçada.

RCH – Como eram as aulas do prof. Cabral?

Correa – Eram uma festa! Todo mundo ria com seus comentários jocosos e se contagiavam com seu bom humor. Cabral falava muito bem e sua verve humorística encantava os alunos, mas é importante ressaltar que suas aulas tinham conteúdo. Ele fazia parte de um grupo de políticos famosos, os quais eram conhecidos pelos discursos elegantes que impressionavam os ouvintes; ele tinha bom relacionamento com toda a velha guarda da USP e intelectuais renomados, como Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Hollanda e Roger Bastide. Ele ministrava “Antropologia cultural”, mas a sua vocação maior era a historiografia. Eu fui presidente do Centro Acadêmico e a maioria dos alunos tinha em alta estima o prof. Cabral. Fora desse contexto e em certas circunstâncias, ele era ranzinza e sujeito briguento, características que lhe trouxeram sérios problemas como diretor da Faculdade de Filosofia.

RCH – Descreva esses problemas.

Correa – Muitas pessoas falam sobre o Cabral, mas nunca conviveram com ele. Os alunos gostavam dele, inclusive eu, mas é importante ressaltar o seu papel como professor e como diretor da Faculdade de Filosofia. Quando ele assumiu o posto, ele tentou instalar um relógio de ponto para fiscalizar a presença dos professores. Não era algo simples, pois o acesso à UFSC era complicado – as estradas eram de barro, quase ninguém tinha carro e eram poucos os ônibus de linha regular. Os salários eram baixos, de modo que muitos viam o vínculo com a instituição como simples atividade secundária (“bico”). Eu era presidente do Centro Acadêmico e a maioria dos alunos apoiou Cabral, mas ele teve problemas com a oposição de certos professores (Armen Manigonian, Jaldyr Faustino da Silva, Paulo Fernando Lago e outros).

Cada curso tinha o seu representante na Congregação e muitos professores do curso de Geografia não se misturavam com os demais. O episódio acabou resultando numa greve dos alunos, em favor da manutenção do relógio de ponto, e eu tenho a impressão que o episódio foi o fator determinante para a posterior renúncia de Cabral da direção. A Faculdade de Filosofia era pequena e até então nunca tivera problemas sérios, mas, para consolidar a instituição, Henrique Fontes contratou vários professores de outros estados, como os paulistas Francisco Kazuhiko Takeda e Armen Manigonian e o carioca Paulo Lago. Os debates da congregação tornaram-se mais dinâmicos e acalorados. Fontes também contratou Jorge Agostinho, português que fugira da ditadura implantada em Portugal e que se tornou pesquisador conhecido no cenário internacional.

RCH – A Faculdade de Filosofia também tinha professores jesuítas. Como eles se posicionavam em relação ao Cabral?

Correa – A maioria fazia oposição, embora ele fosse um católico exemplar. Cabral era bastante religioso, mas manifestava uma atitude anti-clerical em relação aos procedimentos adotados pelos padres. Os jesuítas foram contratados ainda no tempo do Fontes, pois a sua idéia inicial era se juntar aos jesuítas para a criação de uma espécie de pontifícia universidade católica, tal como ocorrera no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Fontes tinha em mente a criação de uma PUC catarinense. Apesar dos relatos autobiográficos pouco favoráveis aos padres jesuítas, Cabral mantinha um bom relacionamento com a Igreja Católica.

RCH – Como foram seus tempos de estudante na Faculdade de Filosofia?

Correa – Fontes e Cabral eram ranzinzas, mas, interessadamente, eram “festeiros” e nunca perdiam as festas organizadas pelos alunos da Faculdade de Filosofia; elas ocorriam na lanchonete, começavam às 16:00 e nunca iam além das 20:00h, pois os ônibus de linha não funcionavam após esse horário. As festas atraíam alunos da Faculdade de Odontologia e de Direito, pois a nossa faculdade tinha muita moça bonita e era mais animada. Muitas moças da região ficavam assistindo as festas, atrás das cercas, e nunca participavam diretamente delas; elas julgavam que nós éramos de fora, pessoas diferenciadas e não se misturavam ao grupo. O bairro da Trindade, onde foi instalado o campus universitário da UFSC (1961), tinha muitas lavadeiras de roupas, devido aos riachos que eram adequados a esse trabalho.

Essas mulheres entravam nos ônibus com suas trouxas enormes (às vezes, levavam galinhas, porcos e outras coisas) e, de modo proposital, colocavam seus volumes nos bancos para impedir que sentássemos confortavelmente. Elas não gostavam nem um pouco de nós, pois éramos estranhos aos seus olhos e não pertencíamos ao seu mundo.

RCH – Alguns historiadores atuais depreciam a obra do Cabral, embora todos reconheçam que ele foi pioneiro em vários campos do conhecimento. Qual é a sua opinião sobre isso?

Correa – Muitos que depreciam a obra ou discorrem sobre a sua personalidade não sabem o que estão falando. Cabral era um corifeu da ciência, algo que não existe nos tempos atuais. Ele fez parte de uma escola a qual pertencia José Boiteux, outro pioneiro da historiografia catarinense. Esse pessoal produziu muito e deixou um importante legado para as futuras gerações. A obra do Cabral tem enorme valor intrínseco, pois na época não havia interlocutores disponíveis, o acesso às fontes originais (jornais, revistas e livros) era um obstáculo quase intransponível e a publicação de um livro era algo dispendioso. Não obstante isso, ele escreveu livros sobre assuntos variados e foi pioneiro em vários campos do conhecimento – embora a história fosse o seu *métier*. Alguns críticos mais jovens depreciam a sua obra, mas frequentemente tiram conclusões a partir de análises superficiais ou de frases proferidas em algum discurso. Com efeito, eles não podem falar sobre sua personalidade, pois não o conheceram pessoalmente, e tampouco podem falar sobre a sua obra, pois a leitura é parcial ou fragmentada. Cabral tinha temperamento difícil, mas seus ex-alunos e colaboradores não se cansam de externar respeito e admiração em relação à sua obra. O seu temperamento difícil e complicado deu surgimento a muitas inimizades, mas ele sempre esteve cercado de muitos amigos.